

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

SHIGUEMI MATSUMIYA DE BELMONT FONSECA

**ESPIRITUALIDADE E NATUREZA EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS:
RELAÇÕES, VALORES E MUDANÇAS
POR UMA SOBREVIVÊNCIA SUSTENTÁVEL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Maria Aparecida Lopes Nogueira

Recife - PE
2005

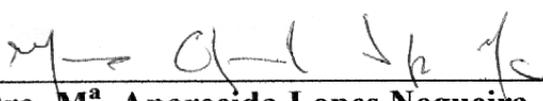
SHIGUEMI MATSUMIYA DE BELMONT FONSECA

**ESPIRITUALIDADE E NATUREZA EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS:
RELAÇÕES, VALORES E MUDANÇAS
POR UMA SOBREVIVÊNCIA SUSTENTÁVEL**

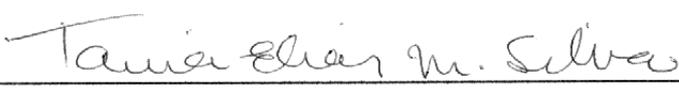
Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Antropologia.

Aprovada em 03 de março de 2005.

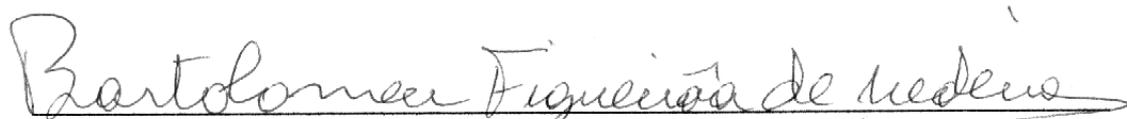
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. M^a Aparecida Lopes Nogueira (UFPE) - Orientadora



Profa. Dra. Tânia Elias Magno da Silva (UFSE) M.Títular Externo



Prof. Dr. Bartolomeu Figueiroa de Medeiros (UFPE) M.Titular Interno

*Àqueles que conseguem, em sua busca,
perceber a essência daquilo que procuram.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente à Profª Dra. Cida Nogueira pela atenção, competência e orientação fundamental durante a elaboração deste trabalho. Sua postura sempre será um referencial para minha vida acadêmica.

A CAPES, pelo incentivo dado através de minha bolsa de estudos que possibilitou a realização desta pesquisa.

Serei eternamente grata à minha mãe, Miyoko, que sempre me deu todo tipo de incentivo para leituras e pesquisas, nas mais diversas áreas, sob as mais diversas motivações.

Ao meu pai, Augusto, responsável inconsciente por me fazer conhecer o maravilhoso universo das “pessoas na natureza”.

Agradeço a Fred Monteiro, turista pernambucano na Chapada dos Veadeiros, por ceder as fotos de arquivo particular e pelas caminhadas em companhia de sua imensa alegria.

Toda minha gratidão e carinho aos moradores de Alto Paraíso (meus maiores inspiradores neste trabalho), especialmente a Sassá e Simone (por tudo!), e também a Edilma, Patrícia e Janete, pelas longas conversas à mesa (fundamentais nesta pesquisa!).

Agradeço com toda a ternura de meu coração, à Fernando Zurita, pelo zelo e carinho (fundamental!) durante a finalização desta pesquisa, pelas dicas e discussões sobre a cidade de Alto Paraíso, sobre a espiritualidade, seus caminhos e desvios.

RESUMO

As sociedades ocidentais contemporâneas têm desenvolvido um movimento conhecido como *Nova Era*, onde ressurgem valores e práticas religiosas antigas e/ou de origem oriental, aliadas a uma crescente valorização da natureza enquanto espaço sagrado. O desafio de alcançar a sustentabilidade ambiental e a busca por uma vida mais próxima da dimensão espiritual se confundem e provocam deslocamentos humanos em muitas partes do mundo, então considerados centros importantes do planeta por muitos dos adeptos deste movimento, também chamado *esotérico*. Este trabalho foi realizado sob esta perspectiva, tendo a cidade de Alto Paraíso de Goiás como um dos cenários para a análise de uma situação onde a preservação ambiental é fundamentada na prática espiritual religiosa e na percepção do ambiente como meio de relações entre o homem e o sagrado. Suas características geográficas, assim como os fluxos migratórios e de turistas que a cidade recebeu nas últimas décadas, nortearam a formação de suas múltiplas identidades, resultando num espaço onde os símbolos que a natureza oferece são percebidos por seus habitantes tanto como oportunidades de desenvolvimento econômico, como limites para a atuação humana sobre seu meio.

Palavras-chave: 1. Esoterismo – 2. Alto Paraíso de Goiás – 3. Nova Era –
4. Sustentabilidade ambiental

ABSTRACT

The contemporary western societies have developed a movement known as New Age, in which values, ancient religious practices and oriental creeds are brought back, combined with a rising concern about nature as a sacred space. The challenge to reach the environment sustainability and the search for a kind of life with spiritual broadening get mixed up and provoke human move-outs in several parts of the world, thus being deemed important centers on the planet by those adept at this so-called esoteric movement. This work was carried out on this perspective, having the city Alto Paraíso de Goiás as one of the scenarios for the analysis of a situation in which the protection of the environment is based on religious spiritual practices and perception of the environment as a means of relations between the man and the sacred. Its geographical features, as well as migration flows and tourists the city has welcomed in the last decade, permeated the formation of its multiple identities, resulting in a space where the symbols the nature offers are seen by the inhabitants not only as opportunities for economic development, but also as limits for the human activity on the environment.

Key words: 1. Esoterism - 2. Alto Paraíso de Goiás - 3. New Age –
4. Environment sustainability

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS	Página
Fig. 1 – <i>Deusa primitiva</i> . Fonte: CAMPBELL, Joseph. FLOWERS, Betty Sue (org). <i>O Poder do Mito</i> . São Paulo: Palas Athena, 1990. p. 174.	21
Fig. 2 – <i>Chapada dos Veadeiros – paisagem</i> . Foto: Fred Monteiro. Ano: 2004	36
Fig.3 - <i>O Paraíso terrestre</i> . Quadro de Cranach, séc. XVI. Fonte: JUNG, Carl G. <i>O Homem e seus símbolos</i> . 16ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 87.	39
Fig.: 4 – <i>Mapa parcial do Estado de Goiás</i> . Fonte: www.unb.br/ig/sigep/sitio096.htm	41
Fig.:5 – <i>Entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	52
Fig.: 6 – <i>Vista panorâmica do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	53
Fig.: 7 – <i>Vila de São Jorge</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	54
Fig.: 8 – <i>Jardim de Maytreea</i> . Foto: Fred Monteiro. Ano: 2004	55
Fig.: 9 – <i>Salto do Rio Preto</i> . Foto: Fred Monteiro. Ano: 2004	56
Fig.:10- <i>Loquinhos</i> . Foto: Fred Monteiro. Ano: 2004	66
Fig.: 11- <i>Entrada da cidade</i> . Foto: Antonio Gonçalves. Ano: 2002.	68
Fig.: 12 – <i>Placa na entrada da cidade</i> . Fonte: www.danielmeinberg.pop.com.br/fotos	70
Fig.: 13- <i>Vista de Alto Paraíso</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	71
Fig.: 14 – <i>Ruínas das Cúpulas de Saint Germain</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	74
Fig.: 15 – <i>Avenida Ary Valadão</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	76
Fig.: 16 – <i>Casa em Alto Paraíso</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	78
Fig.: 17 - <i>Casa em Alto Paraíso</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	79
Fig. 18 – Placa de sinalização. Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano: 2004.	80
Fig.19 - Comemoração da lua do Vesak. Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano: 2004.	86

Fig.: 20 - <i>Pentagrama de cristal no Raizama</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	92
Fig.21: Cristal mestre. Autor desconhecido	94
Fig.: 22 – <i>Paisagem do cerrado</i> . Foto: Antonio Gonçalves. Ano: 2002.	96
Fig.: 23 – <i>Flores do cerrado</i> . Foto: Fred Monteiro. Ano: 2004	97
Fig.: 24 – <i>Turistas em trilha</i> . Foto: Fred Monteiro. Ano: 2004	98
Fig.: 25 - <i>Tratamento com argila</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano:2004.	99
Fig.: 26 – <i>Cachoeira Almécegas</i> . Foto: Fred Monteiro. Ano: 2004	101
Fig.: 27 – <i>Vale da Lua</i> . Foto: Fred Monteiro. Ano: 2004	103
Fig.: 28 – <i>Vale da Lua</i> . Foto: Shiguemi Matsumiya. Ano: 2004	103
Fig.: 29 – <i>Céu de Alto Paraíso</i> . Foto: Antonio Gonçalves. Ano: 2002.	106

LISTA DE PESSOAS ENTREVISTADAS

(em ordem de ocorrência no trabalho)

1 – Isabel Cristina, aproximadamente 50 anos de idade, terapeuta e proprietária de pousada, moradora desde 1994.

2 – José Ferreira de Lima (Sassá), 27 anos, guia e proprietário de agência de turismo, nativo da região.

3 – Seu Corinto, 80 anos, ex-garimpeiro e empresário em Vila de São Jorge.

4 – Rosa Purvan, aproximadamente 50 anos, pioneira na atividade turística local e moradora desde a década de 80.

5 – Luiz Lima (Lula), aproximadamente 53 anos, guia local, ambientalista e pesquisador da região, morador desde a década de 80.

6 – Irene, aproximadamente 40 anos, dona de casa, nativa da região.

7 – Patrícia Cavalcanti, 44 anos, artista plástica e moradora desde 1999.

8 – Edilma Maria de Barros de Mendonça, 36 anos, artista plástica e moradora desde 2000.

9 – Peter Midkiff, aproximadamente 40 anos, ambientalista e morador desde o início da década de 80.

10 – Aristéia Avelino do Nascimento (Téia), aproximadamente 40 anos, proprietária de restaurante, nativa de Vila de São Jorge.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 2. ERRANTES DA NOVA ERA	17
2.1. O movimento esotérico espiritualista	20
2.2. As viagens como instrumento de busca espiritual	31
CAPITULO 3. O PARAÍSO EM TRANSFORMAÇÃO	38
3.1. Do garimpo ao turismo	42
CAPÍTULO 4. A MÃE NATUREZA DESAFIA	60
4.1. A busca pela sustentabilidade ambiental	63
4.2. O espaço da espiritualidade e os desafios para viver na natureza	68
4.3. Cristal, água, terra e céu em Alto Paraíso	90
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
SITES VIRTUAIS DE CONSULTA	118

1. INTRODUÇÃO

Há cerca de quatro anos, quando direcionei meus estudos e pesquisas para a área de turismo sustentável, visitei algumas comunidades da região Centro-Oeste e Nordeste do Brasil que trabalhavam com a recepção de visitantes que chegavam à procura da natureza na sua forma mais exuberante, sem deixar – na maior parte das vezes – de exigir um certo nível de conforto com relação à hospedagem, transporte e alimentação.

Em geral, as comunidades receptoras estavam cercadas de recursos naturais de grande beleza cênica e diversidade em espécimes da flora e fauna, fazendo uso destes recursos para sua sobrevivência, seja através da agricultura ou da caça.

Com a propagação do modelo norte-americano de Unidades de Conservação, muitas destas áreas no Brasil foram transformadas em Parques Nacionais, restringindo ou dificultando estas práticas. Por outro lado, o título de Parque Nacional passava a conferir um *status* ainda maior à localidade no intuito de atrair mais turistas e também cobrar um preço maior pelos produtos e serviços oferecidos. Conseqüentemente, o turismo na natureza transformava-se em um bom negócio financeiro, colocando à margem valores culturais locais, como a convivência harmoniosa com a natureza e seus símbolos.

A dificuldade para implantar projetos que limitavam o número de visitantes aos atrativos naturais em favor da conservação do próprio ambiente mostrava a complexa rede de interesses e relações humanas existentes nas localidades. Dificilmente se conseguia barrar a entrada dos empresários de fora que chegavam

para construir grandes hotéis, gerando a necessidade de complementar este empreendimento com serviços de alimentação e recepção padronizados, em consonância com a “qualidade” oferecida nas cidades emissoras de turistas. A natureza passava a assumir seu papel exclusivo de fonte de renda, resultando num processo de degradação ambiental e social só percebido anos mais tarde.

Em 2001 fui conhecer uma destas comunidades, localizada na Chapada dos Veadeiros, estado de Goiás, que também tinha seu Parque Nacional. Sua principal cidade de apoio, Alto Paraíso de Goiás, mostrou uma realidade diferente de outros lugares onde o turismo na natureza também era a principal fonte de renda da população local.

As características gerais eram as mesmas: natureza exuberante, cidade pequena, muitos imigrantes. Mas um fato chamou minha atenção: apesar do turismo já estar estabelecido há mais de dez anos, não havia grandes empreendimentos e o próprio lugar tinha um significado especial para sua população.

A forte presença de místicos e espiritualistas na cidade ajudava a construir uma relação diferente com a natureza e com os visitantes que chegavam. Apesar da grande diversidade cultural ali presente, os conflitos humanos vinham de uma outra origem, que eu não sabia precisar qual. Por outro lado, o nível de conservação dos atrativos e a forma como a comunidade se organizava para receber tanto visitantes quanto imigrantes despertou meu interesse para uma nova possibilidade de trabalhar com os valores locais, visando a atividade turística sustentável.

Justamente pelo fato da cidade de Alto Paraíso apresentar uma situação bem diferente de outros destinos ecoturísticos, esta pesquisa foi elaborada com o

objetivo principal de analisar a percepção e a relação do homem com a natureza através de seus valores espirituais, focalizando esta localidade como um ponto micro dentro da proposta de Rosnay (1995) sobre o macroscópio, que utiliza uma “lente de aumento” para vislumbrar a relação do local com o universal.

Em julho de 2003 estive em Alto Paraíso para conhecer melhor a cidade, de modo a planejar minha pesquisa de campo e viabilizar minha estada na região. A pesquisa inicial se deu a partir de leituras sobre o tema (dos quais aqueles da área da Complexidade¹ me agradaram muito) e de minhas próprias experiências e conflitos com o universo esotérico e espiritualista. Apesar da escassez de publicações sobre a história da região (praticamente todas as pesquisas acadêmicas que encontrei sobre a região tinham como foco principal o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e sua comunidade de entorno, a Vila de São Jorge), o período que passei na cidade me possibilitou a construção e investigação de suas múltiplas identidades.

Cheguei na cidade em março de 2004, onde permaneci até o mês de maio, retornando em junho para complementar a pesquisa em campo. A receptividade foi, em geral, muito boa. As maiores dificuldades que encontrei foram internas, principalmente pelo estranhamento em estar como pesquisadora num local onde normalmente só visitaria como turista. Enquanto moradora da cidade - ainda que por um período pré-determinado - é difícil habituar-se a um meio tão diferente, uma vez que a localidade fica afastada dos grandes centros urbanos e com uma grande carência de estrutura de serviços e entretenimento, sendo possível encontrar as mesmas pessoas nas ruas várias vezes por dia.

¹ Os estudos sobre a Complexidade despertaram, em especial, para a importância da religação dos saberes, tratando, por exemplo, da temática da relação do homem com o ambiente através da interação entre seu universo simbólico, material e científico.

A posição de moradora da cidade modifica a relação com as outras pessoas, principalmente por Alto Paraíso ter uma população flutuante significativa de turistas; o morador é alguém que “tem a permissão” para conhecer os aspectos negativos da cidade, seus pontos fracos e fragilidades. Ao turista são apresentados apenas os aspectos mais exuberantes, principalmente a oportunidade de experimentar atividades na natureza diariamente, como destino de lazer, de exercícios físicos, de meditação e cura.

Apesar de possuir uma razoável familiaridade com o universo esotérico, as práticas ligadas a este meio em Alto Paraíso estão sempre relacionadas diretamente com a natureza, ao contrário de Recife e de outras metrópoles, onde o cenário mais comum para estas atividades são centros de cursos, tratamentos e vivências terapêuticas. A aproximação que eu já tinha com aquela linguagem, práticas e objetos contribuiu muito para me aproximar das pessoas e entender a visão das mesmas sobre aquele lugar. Por outro lado, esta situação perturbava um pouco algumas entrevistas, que tendiam a se alongar demais nos “assuntos da espiritualidade”, sendo preciso muita sutileza de minha parte para retornar ao assunto que eu desejava sem ofender ou desestimular as interlocuções.

A coleta de dados apresentou características próprias no seu desenvolvimento. O “nativo” de Alto Paraíso é diferente do “nativo antropológico”. Os moradores consideram “nativos” tanto aqueles que nasceram e cresceram na localidade (na verdade, a pequena minoria da população residente), quanto os imigrantes que chegaram há mais de quinze anos, em média. Este último grupo de pessoas, com profunda influência na caracterização da cidade e na sua dinâmica, veio de grandes cidades e, em geral, detém um poder aquisitivo de médio a alto,

com formação escolar superior e habituado a lidar com pesquisas, matérias jornalísticas e questões do gênero.

Todas as entrevistas formais foram semi-estruturadas, mas a observação participante (por diversas vezes) resultou em entrevistas informais muito interessantes para minhas percepções sobre a dinâmica das relações humanas na cidade. Entre as pessoas que propus entrevistar (vide lista de pessoas entrevistadas), era freqüente o fato de algumas não ficarem à vontade para que seus depoimentos fossem registrados em gravação de áudio, limitando o desenvolvimento das respostas e a espontaneidade das opiniões. Alguns depoimentos não foram identificados a pedido dos entrevistados; em outros casos, optei por omitir o sobrenome por achar mais conveniente para as pessoas que me cederam seus depoimentos.

Como é comum acontecer, grande parte dos dados mais interessantes foram obtidos em mesas de restaurante, em conversas informais, em encontros sociais e passeios de lazer. Um pouco distante do que imaginei anteriormente, a observação participante foi um instrumento de enorme valor, decisiva na elaboração de minhas conclusões sobre as relações humanas e ambientais em Alto Paraíso.

Ao longo dos dias de minha permanência em Alto Paraíso (dias demasiadamente compridos, quando as distâncias são curtas e não existem as responsabilidades de nosso ambiente residencial), a dinâmica da cidade e suas contradições foram ficando claras. Percebi o quão importante e presente era o papel da espiritualidade no cotidiano daquela cidade, ainda que este represente um eterno conflito entre o material e o sagrado.

O conteúdo da pesquisa está distribuído em três capítulos, sendo o primeiro deles voltado para o movimento esotérico atual e a forma como ele tem chegado ao cotidiano de pessoas de todo o mundo.

O capítulo seguinte faz uma apresentação da cidade de Alto Paraíso e seu entorno sob uma ótica histórica e voltada para a interessante sucessão de fatos inesperados que moldaram o lugar e a forma como seus moradores o percebem.

O terceiro e último capítulo analisa a relação do homem com a natureza, considerando os conflitos existentes entre conservação, a dimensão espiritual e as necessidades materiais do cotidiano.

O roteiro de elaboração e apresentação da pesquisa foi montado de modo a permitir uma compreensão do homem e o fenômeno de “retorno à natureza”, num ambiente que permite aproximar-se de símbolos e inquietações primordiais. Viver *na* e *da* natureza implica em muitos desafios, mas, para o homem, o principal deles talvez seja encarar seus próprios semelhantes e seus deuses.

CAPÍTULO 2. ERRANTES DA NOVA ERA

*Respostas pessoais a perguntas essenciais. É isso o que buscamos.
Alexander Eliot*

Caminhar e conhecer novos lugares à procura de respostas para suas próprias inquietações sempre foi um fenômeno presente na busca espiritual do ser humano, remontando às primeiras religiões que surgiram enquanto instituições.

Desde o início das primeiras sociedades organizadas o homem realiza peregrinações em busca de lugares sagrados, em busca do encontro com algum mestre ou à procura de algum objeto com poderes sobrenaturais. Histórias como a procura pelo Santo Graal e rotas de peregrinação como a de Santiago de Compostela, na Espanha, existem e permeiam o desenvolvimento das religiões cristãs há alguns séculos.

Na sociedade pós-moderna, a errância surge como meio de integração pessoal e social a partir das inúmeras possibilidades de desestruturação e encontro, num processo que - na verdade - nunca tem fim. A chamada *Nova Era* caracteriza um período emergente para os espiritualistas, no qual o homem tem a oportunidade de rever seu comportamento frente ao próximo e à natureza, numa crescente mudança de valores e princípios fundamentais para transformar a ordem mecanicista até então vigorante. Aqui, as regras e fundamentos que moldam a sociedade capitalista ocidental são questionados, sob pena de dirigir-se a um processo de completa destruição dos recursos naturais e humanos. Surgem novas formas de trabalho, adquirem-se outros hábitos alimentares, buscam-se outras

formas de relacionamento, percebe-se a espiritualidade sob a visão de povos distantes.

Amaral (2000:61) destaca a idéia da “cura” do homem e do planeta como ponto fundamental do movimento Nova Era:

*O termo **Nova Era** estaria ligado, assim, a uma idéia de cura como transformação radical, idéia que perpassa as diferentes variantes desse discurso, seja o da ‘transformação astrológica’, da ‘catástrofe iminente’ ou da ‘transformação de paradigma’. Seus mais ardorosos participantes afirmam que estão preocupados com o desenvolvimento harmonioso dos seres humanos e comprometidos com o movimento mais importante ao redor do globo: a transformação da consciência, primeiro no plano interno-individual, com efeitos positivos no mundo físico e na humanidade como um todo. Trata-se, enfim, da restauração da saúde da Terra, concebendo-a como ‘a grande reconciliação’.*

Dentro deste processo de busca pela cura como instrumento de transformação, busca-se a atualização de práticas e crenças antigas, em geral relacionadas ao meio natural. Desta forma, a *Nova Era* propõe uma convivência integrada e harmônica entre natureza, homem, espiritualidade e ciência, considerando a complexa rede de conexões e interesses que relacionam estes aspectos da existência planetária. Influencia gestões empresariais, tratamentos de saúde física e mental, aponta outros caminhos para a educação, religando saberes e confrontando visões de mundo diferentes voltadas para objetivos comuns.

O nomadismo aparece nesta *Nova Era* sob outros formatos, seja com os constantes fluxos de migração, seja com a população flutuante de turistas que chegam a localidades paradisíacas, capazes de suprir superficialmente as mais íntimas expectativas individuais de prazer e descoberta.

A busca realizada através do espaço geográfico se dá a partir de novas experiências para encontrar a si mesmo; conscientemente ou não, procura-se reconhecer as sombras e as fortalezas naquilo que é estranho e desafia. Numa

sociedade voltada para uma utópica padronização mundial, o exótico passa a ter importância para a própria sobrevivência da identidade individual.

Lendas e histórias do mundo inteiro falam de viagens repletas de surpresas e desvios, do viajante que enfrenta perigos para encontrar seu tesouro; uma viagem pode mudar o rumo de nossas vidas. O caminho, o destino e o que ele oferece são como portas para um novo mundo, onde o estranhamento obriga a uma profunda interiorização que permite reconstruir o próprio passado e vivenciar o externo para transformar-se.

Italo Calvino (1990:28) é brilhante na elaboração das sensações do veneziano Marco Polo ao conversar sobre suas viagens com Kublai Khan, imperador mongol:

[...] mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser e deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.

Assim como Marco Polo, os turistas da pós-modernidade visitam lugares distantes culturalmente de seu ambiente residencial, praticam e consomem hábitos que não são seus. Esta é a grande aventura da viagem: acreditar que algo será diferente ao retornar, pois uma faceta até então oculta de seu ser foi exteriorizada.

Esta errância de identidade, manifestada durante as viagens, resulta no exercício de uma suposta liberdade característica das sociedades atuais. A autonomia da escolha coloca os indivíduos num nível mais alto da hierarquia social e coloca paredes de segurança no ato do descompromisso. Bauman (1998:114-115) discorre sobre esta situação afirmando que:

[os turistas] realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo. [...] Não há nenhum comprometimento do futuro, nenhuma incursão em obrigações de longo prazo, nenhuma admissão de alguma coisa que aconteça hoje para se ligar ao amanhã.

O materialismo qualitativo em evidência e o compromisso de residência da modernidade trazem de volta a procura pelo prazer dionisíaco e a pulsão pela errância expõe o caráter impermanente de todas as coisas (Maffesoli 2001). A necessidade de viajar, conhecer outros lugares e outros povos, sentir aromas e sabores até então desconhecidos adquiriu um significado não só de *status* social, mas também de evidências sobre mitos que ressurgem com novas aparências. Esta recorrência expressa a própria lógica do mito que se repete, atualizando-se num outro contexto (Durand, 1997).

Tal ressurgimento, como espirais que se repetem em diferentes dimensões, expõe a atualidade (e não resolução) de antigos questionamentos humanos e têm resultado em fenômenos opostos aos valores da modernidade, tendo como uma das evidências deste processo a releitura de conhecimentos religiosos e espirituais existentes desde os tempos mais remotos (Morin, 1979).

2.1. O movimento esotérico espiritualista

Os primeiros povos que habitaram o planeta tinham seu ambiente e tudo o que nele continha como produto de uma força maior, poderosa e ativa. O céu, os animais, as plantas, as águas e a terra seguiam um ciclo natural complementar e, portanto, pertenciam a uma mesma base vital. Existiam espaços geográficos e

períodos sagrados, celebrados através de rituais e oferendas a deuses diversos, tendo o culto à Grande Mãe como fonte de toda graça e vida na terra; vale ressaltar que, para Durand (1997), o arquétipo da Grande Mãe é o mais universal de todos.



Fig.1: Deusa primitiva. Biblioteca de Ciências da Saúde Augustus C. Long, Universidade de Columbia.

Sheldrake (1991:22) não só concorda com Durand no caráter universal deste arquétipo, como salienta seus muitos aspectos:

[a Grande Mãe] Era a fonte original do universo e de suas leis, e a administradora da natureza, do destino, do tempo, da eternidade, da verdade, da sabedoria, da justiça, do amor, do nascimento e da morte. Ela era a Mãe Terra, Gaia, e também a deusa dos céus, a mãe do sol, da lua e de todos os corpos celestes – como Nut, a deusa egípcia do céu ou Astarte, a deusa do céu, rainha das estrelas. Ela era Natura, a deusa da natureza. Era a alma do mundo da cosmologia platônica, e tinha muitos outros nomes e imagens como a mãe e a matriz, e a força que sustenta todas as coisas.

Estas mitologias arcaicas sobre o feminino, entre muitas outras, acompanharam as sociedades antigas até o desenvolvimento da agricultura. Sobre esta relação, Eliade (2002:269) afirma que “a solidariedade mística entre a fecundidade da terra e a força criadora da mulher é uma das intuições fundamentais do que poderíamos chamar a ‘consciência agrícola’.” Desta forma, o culto às divindades femininas neste período passa a ser caracterizado pela forte presença do aspecto da “mãe fecunda”, diretamente relacionada à fertilidade do solo.

No entanto, embora os aspectos femininos assumissem as mais variadas funções, a presença do masculino começava a se tornar mais visível, conforme identifica Eliade (*idem*): “[...] o desenvolvimento da agricultura tende a dar também ao homem um papel cada vez mais importante. Se a mulher se identifica com a gleba, o homem é visto como solidário das sementes que a fecundam.”

Apesar de parecer haver uma concordância unânime entre os autores deste tema sobre a presença conjunta do feminino e do masculino entre as sociedades antigas, Rose Marie Muraro (1991:118) é enfática quando apresenta uma crescente supremacia do aspecto masculino sobre o feminino, ainda nas sociedades agrárias:

Em todo esse tempo foram o princípio feminino e masculino que governaram o mundo. E foi exatamente quando os homens inventaram o arado, e com ele a agricultura como a conhecemos hoje, que os grupos foram obrigados a deixar de ser nômades e assim se formaram as primeiras fazendas, as primeiras aldeias, as primeiras cidades, os primeiros Estados e, finalmente, os primeiros Impérios no sentido antigo do termo. [...] Quando se inicia a civilização agrária, o princípio feminino é subjugado pelo masculino. [...] Aí a cultura passa a ser patriarcal, e o poder como o conhecemos hoje: emanado da força, da crueldade, da guerra, da dominação.

Os valores relacionados ao masculino tornaram-se mais evidentes e presentes nas relações sociais, mas as divindades femininas ainda teriam muitos

séculos de adoração. Esta situação estava imbricada com um outro fator importante sobre as sociedades agrárias: a forma de relação do homem com seu ambiente. Tanto as atividades do cotidiano quanto os meios de sobrevivência, centrados na agricultura, seguiam o conhecimento adquirido através da observação dos ciclos da natureza, aproximando o homem ao restante do universo. Os mitos e deuses detinham características mais próximas da realidade humana, influenciando no desenvolvimento de uma ciência que caminhava ao lado da religiosidade, como é o caso da Astronomia.

Sobre este contexto, Eliade (2002:267) afirma:

Para o homem 'primitivo', a agricultura, como toda atividade essencial, não é uma simples técnica profana. Ligada à vida e prosseguindo o desenvolvimento prodigioso desta vida presente nas sementes, na terra cultivada e nos gênios da vegetação, a agricultura é, primordialmente, um ritual. Assim foi no princípio e a situação ainda é a mesma nas sociedades agrárias, até nas regiões mais civilizadas da Europa. O lavrador penetra e integra-se numa zona rica em sagrado. Os seus gestos, o seu trabalho são responsáveis por graves conseqüências, porque se processam no interior de um ciclo cósmico e porque o ano, as estações, o verão e o inverno, a época das sementeiras e a da ceifa, fortificam as suas próprias estruturas e adquirem cada uma um valor autônomo.

Desta forma, observo que o distanciamento das faces femininas do sagrado se deram dentro de um processo complexo e tensional, existindo tanto a permanência das divindades femininas quanto o fortalecimento dos valores masculinos.

Mais tarde, no mundo ocidental, o cristianismo foi o grande responsável pela supremacia da figura do Pai. Inicialmente espalhando-se pela região da Judéia e, posteriormente, Bacia Mediterrânica e Médio Oriente, o cristianismo expandiu-se por todo o Império Romano, a partir da conversão de Constantino, no século IV (COLLINS, 2000).

Embora no seio do Império ainda se formassem comunidades não-patriarcais (Muraro, 1991) e as divindades femininas² permanecessem em cultos que foram sendo reprimidos pouco a pouco (Giordani, 2002), os valores decorrentes de todo este processo contribuíram fortemente para mudar a essência da relação entre os homens e a natureza, deixando de lado seu aspecto maternal e colocando-a como objeto de subjugação e controle.

A natureza deixou então de ser tratada como ser vivo, como útero gerador de vida e também como fonte nutridora de seus filhos. A crescente valorização da tecnologia e as grandes mudanças provocadas pelo aperfeiçoamento de instrumentos de trabalho e produção impuseram a visão da natureza como uma máquina, fruto da elaboração mecânica de um Deus criador, elaborado à semelhança do homem cristão daquela época (Sheldrake, 1991).

Segundo Durand (1997), a religião distanciou-se completamente da ciência, a natureza transformou-se em objeto de subjugação e os limites éticos e morais tornaram-se por demais maleáveis; o valor do homem seria o grande trunfo de qualquer civilização tida como desenvolvida. O resultado foi um longo e intenso processo de valorização da razão, do pensamento cartesiano e de um forte sentimento de poder e controle sobre pessoas, objetos, natureza e seus elementos – animais, plantas, micro-organismos, minerais.

Apesar das culturas terem diferentes graus de intensidade de domínio sobre a natureza – o que define o estado de equilíbrio entre o povo e seu ambiente – a trajetória da humanidade, de um modo geral, é marcada pela busca desenfreada deste domínio. Este processo é indicado por Sheldrake (1991:28), quando afirma que “nosso medo da natureza selvagem e não-domada alimenta o desejo de

² Deusas como Minerva (dos artesãos), Ceres (da fecundidade agrária), Carmenta (das fontes), Vesta (do fogo sagrado), Vênus (do amor e da beleza) entre inúmeras outras.

subjugá-la, um desejo pelo menos tão velho como a própria civilização”. Assim, podemos observar que a destruição causada na modernidade apenas reflete o “enorme aumento do poder humano” sobre o espaço circunvizinho.

Morin (1995) nos mostra que o século XX foi marcado por intensas conquistas tecnológicas que permitiram avanços nunca antes vistos e possibilitaram, entre outras coisas, um maior conhecimento do espaço cósmico, fantásticas descobertas na medicina e o exercício pleno do mito do progresso infinito.

A relação com a terra através da agricultura marcou as épocas antigas onde a organização social se baseava no matriarcado, absorvendo valores de maior equilíbrio e troca com o ambiente. Porém, como bem observa Serres (1990:51), “o maior acontecimento do século XX continua a ser, sem nenhuma contestação, o desaparecimento da agricultura como atividade principal da vida humana, em geral, e das culturas singulares”. De alguma forma, é preciso reconstruir os laços de interdependência com os ciclos naturais, contribuindo para um maior entendimento da própria organização social.

A partir da década de 70, num mundo ainda marcado pelos horrores de duas grandes guerras e sob a vigilância das ditaduras militares em muitos países, a sociedade começou a refletir sobre as conseqüências e conquistas de tamanha tecnologia. Apesar da grandiosidade das conquistas científicas, a humanidade continuava com as questões ancestrais sem resposta satisfatória, profundas diferenças sociais e problemas humanitários antigos, como fome e violência.

Ainda segundo Morin (1995), o controle e uso exaustivo dos recursos naturais não serviram para a maioria dos habitantes do planeta e começaram a causar problemas ainda incontroláveis pelo homem: mudanças bruscas de

temperatura, situações climáticas extremadas (seca e enchentes), águas como veículos de contaminação, escassez de alimentos em determinadas localidades.

Para Durand (1997), a visão de um mundo mais equilibrado frente aos seus recursos começou a ganhar importância, assim como qualquer movimento de ação e reação presente em todas as áreas e etapas da história do Universo. Não que antes houvesse a total ausência da defesa dos limites de controle da natureza, mas a civilização ocidental – dominadora da economia mundial – demorou a reconhecer seus excessos.

Aos poucos, o movimento ecológico saiu dos guetos *hippies* e ocupou um espaço significativo nos meios acadêmicos e governamentais, até atingir toda a população mundial através de uma mídia contínua e massiva. A sociedade civil organizou-se na elaboração de projetos ambientais através de ONGs (organizações não-governamentais), patrocinadas tanto por empresas privadas quanto por pessoas físicas.

Após séculos de exploração desenfreada dos recursos naturais em favor do acelerado desenvolvimento tecnológico, o homem se viu obrigado a limitar e a racionalizar o uso destes recursos, além de modificar processos de fabricação e construção sob a ameaça da extinção de fontes de energia e alimento no planeta.

Com a ecologia em evidência e transformada em ideologia de vida, o respeito ao uso da natureza e a consciência de uma iminente escassez de recursos naturais espalharam-se por todos os setores da sociedade. As entidades governamentais responsáveis pelo meio ambiente tornaram-se mais fortes, as indústrias começaram a ser pressionadas para o uso e manipulação racional da matéria prima e destinos dos dejetos químicos, carros e eletrodomésticos ficaram

mais simpáticos frente ao consumidor a partir de suas propriedades não-poluentes e do uso de material reciclado em sua fabricação.

Na área do comportamento humano, assistiu-se a uma maior procura por alimentos mais saudáveis e sem agrotóxicos, paralelo a uma forte valorização de áreas verdes preservadas, distantes do caos urbano das grandes e médias cidades. Com isso, o chamado ecoturismo³ ganhou mercado, contando com uma força econômica semelhante às das grandes indústrias, levando milhares de turistas a áreas de grande beleza natural em todo o mundo.

Mas um dos principais fenômenos ocorridos junto à valorização da natureza e de modos mais simples de vida foi a retomada de valores espirituais ligados, principalmente, às religiões do Oriente (como o budismo e o hinduísmo) e a elementos das religiões de sociedades mais tradicionais, como o xamanismo (Amaral, 2000; Durand, 2001).

Inúmeros aspectos podem estar relacionados a este fato, mas ressalto a insuficiência do pensamento e da ideologia de vida ocidental, centrados na realização material rápida em detrimento de uma visão mais abrangente das conexões existentes entre o homem, o meio ambiente natural e a dimensão espiritual de cada ser (Balandier, 2001).

De acordo com Durand (1997), a natureza em seu estado mais puro volta, lentamente, a ser vista como mãe, como útero gerador de vida; religar-se à natureza passou a ser, mais que um desejo, uma necessidade para suportar um mundo que ficou opressor demais para a maior parte da humanidade.

³ O ecoturismo é um segmento do turismo realizado em áreas de forte interesse e beleza natural, além de envolver “tanto um sério compromisso com a natureza como responsabilidade social” (Western, 2001:17)

A medicina convencional deixou de ser a única forma de tratamento para doenças do corpo e da mente para dar lugar a uma série infinita de tratamentos alternativos ministrados há milênios pelas sociedades tradicionais, como o uso de ervas e do conhecimento de meridianos energéticos do corpo para curar doenças reflexas.

Milhares de ocidentais começaram a incorporar ao seu cotidiano práticas milenares comuns no Oriente e nas antigas religiões, como o *feng-shui*, o uso de cristais, a meditação, a acupuntura, a astrologia, o conhecimento dos *chackras*, o uso de aromas e óleos naturais para cura aliados à massagens das mais diversas tradições.

Acompanhando esta gama infinita de práticas e conhecimento, facilitados ainda pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, outros temas tornaram-se de fácil acesso e consumo pelo público em geral: extraterrestres, seres espirituais, bruxaria, magia, alquimia e xamanismo, entre outros.

O público leigo passou a unificar este conhecimento e chamá-lo de *esoterismo*, acrescentando ainda a este termo tudo o que é alternativo e relacionado ao sobrenatural. Ideologias de vida, como o vegetarianismo⁴ e o naturismo⁵, foram incluídas como parte do esoterismo pela mídia em geral.

Para Isabel, o indivíduo qualificado como esotérico é definido da seguinte forma:

Pra mim esotérico é aquele cara que foge ao padrão normal e que busca alguma coisa, um encontro consigo mesmo, [...], uma satisfação nisso que tá vivendo que é a espiritualidade. Então o cara que tá lá no automático eh... sobrevivendo, pagando conta, então isso eu considero um cara normal. Então o esotérico ou espiritualista,

⁴ Refere-se à exclusão de carnes dos hábitos alimentares, principalmente as carnes vermelhas, valorizando o consumo de vegetais, frutas, grãos e hortaliças.

⁵ A prática naturista propõe formas de relações humanas despidas dos invólucros sociais, incentivando assim uma maior proximidade com a natureza através do não uso de roupas e valorização de uma vida simplificada no que diz respeito ao consumo e atividades do cotidiano.

ou seja qual for o rótulo que se dá pra isso, é aquele cara que foge desse padrão “normal”, desse automatismo da humanidade e que busca alguma coisa. Uns buscam no externo: ficam olhando pro céu pra ver nave e achar que a nave vai levar, que é uma fantasia, tá? Mas tá buscando algo. Ele já saiu [...] do condicionamento. [...].

Na verdade, o termo *esotérico* diz respeito ao conhecimento hermético, reservado apenas a um restrito grupo de integrantes dentro de uma instituição religiosa ou de uma ordem espiritual; é o conhecimento secreto, oculto para a maioria. Balandier (1997:95) define este termo *como* “um conhecimento ‘de dentro’ que não é acessível a todos, e, por isso mesmo, necessariamente reservado”. Já o termo *exotérico* faz oposição conceitual ao primeiro, quando o mesmo autor o coloca como “um conhecimento menos secreto, mais comum, (que) se difunde e direciona as maneiras de compreender, fazer e dizer”. Assim, o *exoterismo* está voltado para o conhecimento exteriorizado para os praticantes em geral das religiões e ensinamentos filosóficos.

Além de usar o termo *esoterismo* devido à constante presença e uso deste na mídia e no meu campo de estudo, optei também neste trabalho por usar derivações do termo *espiritual* – espiritualista, espiritualidade, espiritualismo. Esta opção se deu por observar que um ponto comum entre os seguidores de todas as linhas e seitas *esotéricas* é a convicção da existência de um mundo espiritual que co-habita com a Terra e os seres que nela vivem.

A quantidade de curiosos e mesmo adeptos a estas linhas de pensamento foi crescendo de forma tão intensa que seria impossível a sociedade como um todo não se voltar para a discussão destes assuntos. Jornalistas, cientistas e acadêmicos iniciaram suas pesquisas, na maior parte das vezes com o objetivo de provar a não veracidade e a falta de fundamentação científica dos relatos e experiências então divulgados.

No entanto, o número de seguidores e praticantes de atividades até então distantes do mundo ocidental cresce a cada dia, proporcionando novas possibilidades de uma vida mais saudável e equilibrada. Bauman (1998:222) faz uma importante apreciação sobre este fenômeno da atualidade, afirmando que:

A 'experiência completa' da revelação, do êxtase, rompendo as fronteiras do ego e da transcendência total, outrora privilégio da seleta 'aristocracia da cultura' – santos, eremitas, místicos, monges ascetas, tzadikim ou dervixes – e surgindo seja como um milagre não-solicitado, de maneira nada óbvia relacionado com o que o receptor da graça fez para merecê-lo, seja como um ato de graça que recompensa a vida de auto-imolação e abstinência, foi posta pela cultura pós-moderna ao alcance de todo indivíduo, refundida como um alvo realístico e uma perspectiva de auto-aprendizado para cada indivíduo [...].

Isto resultou numa aproximação maciça da temática espiritualista ao público comum, ocupando espaço em inúmeros veículos de mídia impressa, cadernos jornalísticos semanais, programas e canais de televisão, filmes cinematográficos, pesquisas acadêmicas e cursos com os mais variados conteúdos e objetivos realizados em todo o mundo.

Começa a consolidar-se uma nova proposta de fazer científico com valores espirituais de influência, principalmente orientais. O budismo, por exemplo, serve como ponto de partida para o desenvolvimento da física e para o estudo da fenomenologia, sendo este o eixo de estudos de autores conhecidos mundialmente, como o físico Fritjof Capra e o biólogo Francisco Varela. Técnicas de Acupuntura e Homeopatia já são reconhecidas pela Medicina convencional, enquanto a prática da Yoga é recomendada por inúmeros médicos e terapeutas para o tratamento de distúrbios emocionais e restrições físicas.

O movimento esotérico espiritualista torna-se, portanto, um importante fenômeno social, influenciando e modificando a postura de líderes religiosos do

mundo ocidental e oriental. Entra em evidência tudo o que diz respeito a este movimento: necessidade de uma visão integral do ambiente e seus sujeitos, valores de ecologia e simplicidade frente ao consumo material excessivo, busca pela transcendência espiritual íntima e coletiva (Rosnay, 1995).

Na prática cotidiana das sociedades, o desejo de aproximar-se da dimensão espiritual passa a ser exercida de várias formas, sendo a viagem uma das mais evidentes e agentes transformadoras da modernidade. Tendo como destino os lugares da natureza, esta viagem aproxima o homem de algo que ele busca naquele ambiente e de que muitos sentem necessidade (Sheldrake, 1991). Estes lugares passam, então, a ser os ambientes mais propícios para experiências místicas e transformações pessoais.

2.2. As viagens como instrumento de busca espiritual

Viajar pela vontade de trilhar uma busca espiritual é um fenômeno humano de muitos séculos. Difícil e desnecessário apontar a origem deste fato, mas posso refletir sobre diversos períodos e localidades do planeta que serviram de cenário para peregrinações religiosas e deslocamentos que construíram a história de muitos povos. A Terra Prometida que levou o povo hebreu a migrar de seu local de origem, assim como as visitas que Gandhi realizou na Índia e que construíram sua ideologia, são breves exemplos deste fato.

Embora a peregrinação esteja presente em grande parte das tradições religiosas – judaísmo, islamismo, budismo, hinduísmo -, o cristianismo trouxe ao

mundo ocidental diversas rotas, mitos e histórias que contribuíram para construir sua doutrina. Já na modernidade surge a grande presença dos “novos peregrinos”, que se realizam religiosamente através de uma mística interior, independente das instituições religiosas e dogmas que não respondem aos seus questionamentos espirituais (Steil, 2003).

Rotas centenárias de peregrinação como o Caminho de Santiago, que leva até a catedral de Santiago de Compostela, na Espanha, é trilhado não só por devotos do apóstolo Tiago, mas também por pessoas das mais diversas partes do mundo, religiosas ou não, assim como cristãos, místicos e esotéricos. O que se busca é um encontro pessoal.

Sobre este fenômeno, Steil (2003:32) afirma que:

[...] os novos peregrinos apontam para uma tendência [...] que é a da crescente autonomia da ‘experiência do sagrado’ em relação à mediação das instituições religiosas tradicionais. É justamente porque a religião se tornou uma experiência mística interior, que os seus mediadores não necessitam de uma investidura sagrada institucional adquirida no âmbito de uma comunidade de crenças e valores partilhados.

É justamente esta característica de desvinculação de qualquer religião que mais se aproxima da realidade dos visitantes que chegam a Alto Paraíso. Não pretendo aqui aprofundar esta temática, principalmente pelo fato de que a cidade não é um destino de peregrinação institucional, nem tão pouco de romaria. No entanto, a partir de sua situação enquanto destino de viajantes com motivações espirituais e religiosas, faz-se necessário apresentar algumas conceituações específicas, de modo a contextualizar esta cidade no âmbito das peregrinações.

Para tal fim, faço uso de algumas idéias de Steil (2003:30-33), que associa a idéia de peregrinação a “um caminho ao encontro do ‘outro’, físico ou espiritual”, onde – neste encontro – se processaria uma transformação entre os peregrinos.

Em geral, este termo é usado para “designar jornadas de longas distâncias para os santuários mais importantes”.

Já a romaria estaria relacionada aos deslocamentos mais curtos com destino a locais considerados sagrados - normalmente relacionados a algum santo, envolvendo ainda a participação comunitária e aspectos festivos (Nolan e Nolan *apud* Steil, 2003) -, como é o caso das romarias que acontecem em Juazeiro do Norte/CE e Bom Jesus da Lapa (BA).

Para Terrin (2003:258), a romaria é uma necessidade da alma humana, estando inscrita na nossa trajetória desde as mais antigas sociedades, movida pela

Necessidade de se lançar em direção a outro lugar, entendido como modalidade fundamental para descobrir algo da transcendência, como experiência do magnetismo do lugar sagrado enquanto terra de contemplação e de satisfação de um desejo religioso imenso e inextinguível, onde seja possível encontrar marcas do divino seguindo e perseguindo no espaço as suas pegadas e, finalmente, chegando a entrar em contato com a realidade verdadeira ou presumida que um lugar particular assume.

Mas a idéia que mais interessa neste momento é voltada para um conceito de peregrinação na contemporaneidade, desvinculada das instituições religiosas. Diversos autores⁶ falam, inclusive, dos “novos peregrinos”, que viajam para locais que, muitas vezes, têm um significado dissociado de qualquer religião institucionalizada, como é o caso de algumas localidades marcadas por sua relação com ídolos da música ou da história de um país.

Em outras situações, o local tem seu aspecto sagrado relacionado a alguma formatação religiosa específica, mas grande parte dos indivíduos que ali chega não segue oficialmente nenhuma religião específica. Como observa Terrin (*idem*),

⁶ Como exemplo, cito Phil Cousineau (em *A Arte da Peregrinação*) e Christine King (em *His truth Goes marching on: Elvis Presley and the pilgrimage to Graceland*).

pode-se dizer que, neste caso, "a busca do sagrado confunde-se com a busca do exótico e do esotérico".

Percebo então que, na sociedade atual, a experiência mística e religiosa da viagem tem assumido um caráter pessoal, confundindo-se muitas vezes com a prática do chamado *turismo religioso*. Embora este termo seja mais usado no contexto político e administrativo, algumas romarias e peregrinações têm recebido tanto a participação religiosa (de romeiros e peregrinos), quanto o olhar externo do turista. Dentre estes eventos, àquelas ligadas aos locais ecológicos estariam mais vulneráveis à ação secularizadora do turismo, como argumenta Steil (2003:36):

Natureza e religião, especialmente no que diz respeito a peregrinações, sempre estiveram associadas. Mas se a religião de modo geral potencializa e ressemantiza o interesse ecológico, a idealização do 'natural' também tende a conduzir ao acesso direto à natureza, dispensando as mediações institucionais.

É neste sentido que muitos dos viajantes que chegam à Alto Paraíso podem ser considerados peregrinos, embora este termo seja raramente recorrente na localidade. O que acontece ali é um tipo de peregrinação onde o destino da viagem é tão importante quanto o caminho para se chegar até ele. O processo de partir e retornar passa, então, a ser o ponto principal na transformação dos indivíduos que viajam ao encontro de sua dimensão espiritual.

Turner (1978) volta-se para as idéias do antropólogo holandês Arnold van Gennep ao falar do rito universal de passagem, que estaria dividido em três fases. A primeira seria a *separação* do grupo, depois a *provação* e, em seguida, a *reintegração* à vida social do grupo, agora transformado. Este ciclo sugere um movimento muito semelhante ao que acontece aos "novos peregrinos", que viajam para diversas localidades que possam lhes proporcionar um cenário propício a uma maior aproximação com sua dimensão espiritual.

Este processo possibilita conhecer a si mesmo, sua própria essência, vivenciar o encontro com seus medos, suas sombras e sua força. O conhecimento que muitos buscam através de anos de psicanálise ou vida religiosa, outras pessoas o procuram nas viagens. Um lugar desconhecido - com pessoas estranhas, lendas e costumes exóticos - torna-se o espaço ideal para estar mais próximo de si mesmo. Ainda que esta não seja uma situação das mais prazerosas e alegres.

A busca interna se dá através de elementos externos, com o uso intenso dos sentidos e das sensações físicas, entre elas a fome, o cansaço, o sexo e o uso de substâncias naturais e químicas que levem a um estado alterado de consciência. O turista experimenta o poder da escolha entre os lugares e períodos onde deve estar, o que lhe proporciona uma sensação de controle, conforme afirma Bauman (1998:115):

Ligar e desligar não deixam no mundo qualquer marca duradoura: na verdade, graças à facilidade com que as chaves funcionam, o mundo (como o turista o conhece) parece infinitamente flexível, dócil e esboroável.

A escolha do destino, a obtenção dos recursos para a viagem, a elaboração do roteiro, os obstáculos e surpresas do caminho já constituem em si um desafio, que terá seu grau de dificuldade relacionado à distância e à discrepância cultural e ambiental entre o local de origem do viajante e seu destino.

A imagem que se tem deste destino e o que ele representa para a humanidade também é um elemento significativo, uma vez que os locais tidos como sagrados prometem segredos revelados, experiências fantásticas e o privilégio social de “ter estado lá”.

A sacralidade destas localidades pode vir de sua história ou da grandiosidade de seus recursos naturais e paisagísticos. No primeiro caso o mundo reconhece o valor espiritual de lugares como a Índia, Jerusalém e Machu Picchu. Não só sua história, mas a prática religiosa e o mistério permeiam o imaginário dos que ali vivem e ali chegam, mesmo que para uma vivência com data para terminar.

Além do fato de apresentarem exuberância na fauna e na flora e ofertarem a grandiosidade de suas formações geográficas, as áreas de preservação ecológica têm seu valor relacionado ao fato de proporcionarem a oportunidade de vencer um desafio individual, simbolizado através das trilhas e escaladas para se chegar a uma cachoeira ou ao alto de uma montanha. O Brasil possui uma ampla variedade deste tipo de cenário, sendo os destinos mais visitados as formações geográficas conhecidas como chapadas.



Fig.2: Chapada dos Veadeiros

Foto: Fred Monteiro

Estas áreas atraem milhares de turistas por ano, que partem em busca de trilhas e cachoeiras e, muitas vezes, fazem desta aproximação uma experiência espiritual. Quanto mais difícil o caminho, maior a sensação de vitória, de alcance, de conquista; natureza, homem e Deus tendem estar mais próximos.

CAPÍTULO 3. O PARAÍSO EM TRANSFORMAÇÃO

Aqui temos de lidar com a reverência, a fascinação e o terror; com a ignorância entrelaçada, com a luz da certeza e com sentimentos de exuberância, de amor e de felicidade.
Francis Huxley

Não existe transformação sem conflito e a humanidade é uma espécie que vive em constante conflito consigo mesmo e com o seu ambiente natural. As dificuldades que precisam ser vencidas para a sobrevivência e, mais ainda, para uma realização social e pessoal, impõem profundas marcas de luta para o controle sobre os recursos naturais e sobre os próprios semelhantes (Morin, 1995).

Alcançar um lugar onde se possa viver plenamente apenas os prazeres e a faceta positiva do homem torna-se, então, uma utopia que sempre existiu entre os mais diferentes povos. A este lugar imaginário, costuma-se chamar de *paraíso*, onde a fartura e a paz brotam eternamente, sem qualquer tipo de sacrifício ou maiores esforços para este fim (Eliade, 1992).

A imagem que se tem de *paraíso* sempre foi relativa em diferentes culturas e períodos históricos, embora o próprio significado desta palavra remeta à idéia de felicidade e plenitude. No entanto, um aspecto sempre presente nesta representação de lugar é a exuberância da natureza em todos seus aspectos e reinos, assim como a abundância de espécimes da flora e da fauna. Tanto o relato bíblico sobre Adão e Eva quanto outros escritos falam de um primeiro casal, numa terra onde reina a “harmonia, pureza e água, paz entre os animais e inexistência de doenças ou morte” (Aoun, 2001:38).



Fig.3: O *Paraíso Terrestre*, de Cranach, séc. XVI. Neste quadro observa-se representações de harmonia entre o homem e a natureza e seus semelhantes.

A crença – ou a esperança – de que este paraíso ainda existisse sobre a terra (mesmo que numa localização inacessível aos homens) sempre esteve presente no imaginário das sociedades, fato bastante evidente e relatado nas descrições dos viajantes europeus do período das expansões marítimas. A idéia que se fazia do Novo Mundo estava localizado nesta parcela imaginária, estimulando o desejo de ali encontrar os prazeres e a prosperidade presentes nas antigas representações de *paraíso* (Reckert, 1989).

Estar num paraíso significa estar feliz, pleno, completo, perto de Deus. Na impossibilidade de alcançar o lugar do paraíso bíblico, o homem o procura em seu cotidiano e nos espaços geográficos que possam oferecer alguns momentos de comunhão com a natureza e a plenitude sugestionadas pelo paradisíaco. Nas sociedades atuais ainda existe – e com grande intensidade – uma nostalgia coletiva que alimenta o profundo desejo de reencontrar este paraíso perdido (Delumeau, 1992).

Incrustada numa região cercada por uma grande oferta de recursos naturais, principalmente hidrominerais, Alto Paraíso de Goiás é uma cidade que se construiu

a partir da atmosfera mística que aflora na localidade, desde sua origem, remetendo-a a este paraíso perdido .

Mesmo antes de sua fundação, o lugar já despertava o sentimento de divindade, presente nos relatos de diversas pessoas que ali estiveram. Alto Paraíso, como é mais conhecida, está localizada na região da Chapada dos Veadeiros, área que abrange também os municípios de Cavalcante, Terezina de Goiás, Colinas do Sul e São João da Aliança (Campos, 2002). A versão mais aceita para a origem do seu nome está ligada a uma fazenda chamada *Veadeiros*, que tinha este nome devido a um tipo de cão que existia na região e que era utilizado como caçador de veados para os fazendeiros locais.

A Chapada dos Veadeiros, situada no nordeste do estado de Goiás, apresenta um clima que varia anualmente entre a época das chuvas e a época da seca, incluindo aí períodos de transição entre as águas e a pouquíssima umidade do ar. Esta região é dominada pelo ecossistema do Cerrado, caracterizada por amplos planaltos e um altitude que varia entre 400 e 1.650 metros (Alves, 2001).

A aridez do solo e a presença de grandes formações rochosas impediram um incentivo maior à agricultura e, assim, a região ainda apresenta as marcas de um passado caracterizado pela pobreza e pelas dificuldades de acesso a um desenvolvimento econômico realmente consistente.

Com cerca de 7.202 habitantes (IBGE, 2004), Alto Paraíso tem como principal fonte de renda o turismo, complementada por uma pequena agricultura (apesar da existência de grandes plantações de soja nos municípios vizinhos) e criações de gado. É o principal ponto de apoio para quem visita a região, divulgada como um dos principais destinos ecoturísticos do Brasil devido, principalmente, à implantação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, considerado como

sua maior parte – por imigrantes, tanto de outros estados brasileiros quanto de países do exterior. No entanto, pode-se afirmar que praticamente todos os moradores que ali chegaram – quer trabalhem com o turismo ou não – o fizeram por questões espirituais ou ideologias relacionadas ao movimento ambientalista.

Em sua trajetória estão presentes elementos e fatos que moldaram a identidade deste lugar, visto por alguns como um local de riqueza natural ainda inexplorada e, por outros, como um grande centro de convergência energética do planeta, peça fundamental para a integração entre o universo material e espiritual necessária à sobrevivência da humanidade no terceiro milênio.

3.1. Do garimpo ao turismo – o inesperado que constrói

No século XIX, a região da Chapada dos Veadeiros era um lugar isolado, de difícil acesso, constituída por grandes pedaços de terra com pequena ocupação humana; algumas poucas e grandes fazendas existiam na área. Neste período, conta-se que alguns imigrantes introduziram ali o plantio de trigo, chegando a alcançar uma produção em larga escala e de altíssima qualidade, alcançando safras recordes em 1862 (Lima, 2001).

O trigo desenvolvido na Chapada dos Veadeiros ganhou prêmio no exterior por sua qualidade e iniciou um processo de desenvolvimento econômico local. Porém, a escassez de mão de obra a partir da Lei Áurea e as pragas agrícolas desencadearam uma crise na produção tritícola, acabando com toda a plantação local. Com a inviabilidade de continuar o cultivo do trigo, os produtores locais

abandonaram a região e a área permaneceu, durante alguns anos, sem qualquer atividade econômica de maior relevância. O que seria o início de um desenvolvimento econômico resultou num processo interrompido sem deixar vestígios ou qualquer incentivo para que a região prosperasse através da agricultura.

A partir do início do século seguinte, por volta de 1904, iniciou-se o ciclo do garimpo na região. Centenas de garimpeiros chegaram à Chapada dos Veadeiros, com o objetivo de extrair o cristal de *quartzo*, abundante na região e que era então vendido para a indústria de tecnologia e armamentos, principalmente de origem estrangeira.

A área do garimpo estava localizada a cerca de 36km da sede da futura cidade de Alto Paraíso e, próximo a ela, foi formado o povoado de Vila de São Jorge, onde moravam os garimpeiros da região e suas famílias. De acordo com relatos de moradores antigos da região, havia ainda a produção de uma pequena agricultura de subsistência, mas o solo pedregoso sempre foi um grande obstáculo para que a atividade agrícola tivesse maior relevância na economia da região, apesar da abundância de água de boa qualidade e da grande altitude, fatores favoráveis para o plantio de muitos produtos.

Além disso, o difícil acesso para a região dificultava o comércio dos produtos locais, como também a aquisição de instrumentos e materiais para a agricultura em grande escala. As cachoeiras e os rios, existentes em quantidade e grande beleza cênica, eram praticamente desconhecidos pelos moradores locais, que faziam uso apenas das águas dos rios para sobrevivência.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o garimpo de cristal alcançou seu apogeu, devido à grande demanda de americanos e alemães que o buscavam para

ser usado em máquinas e no desenvolvimento da tecnologia, principalmente de radares, armas e computadores. Apesar disso, o garimpo na região sempre foi feito artesanalmente, sem a presença de grandes máquinas de dragagem ou grandes empresários do garimpo, como aconteceu em outras regiões do Brasil.

Sassá lembra sua infância e o garimpo:

Meu pai era agricultor e também era garimpeiro. Ele vivia garimpando, inclusive eu ajudei ele também... Nossa, ajudei meu pai muito no garimpo, caminhei muitos quilômetros com ele em busca de cristal, eu e meus irmãos mais velhos, principalmente. [...] Era um garimpo bem individual assim... normalmente tinha um ou outro grupinho assim de dois ou três garimpeiros, de quatro ou cinco, mas nada de uma empresa demolindo tudo, isso, não. Sem dinamite... foi uma coisa mesmo pra sobrevivência. Era garimpo de cristal e tudo feito manualmente.

Esta característica também ajudou a desenvolver uma maior interação entre o homem e a natureza, servindo para formar um conjunto de valores que, mais tarde, contribuiriam para o processo de conscientização ambiental na região. Seu Corinto explica como fazia para achar o cristal:

Olha, eu li muito sobre a mineração, mas nunca é como a natureza. Nós temos aqui, na nossa língua nossa aqui sertaneja, chama "baliza", umas pedreiras branca, aponta na ponta da serra lá e aponta na outra aqui [...]. Quando você uma baliza daquela ali e outra aqui, você julga mais ou menos no dilúvio que houve, isso é o cristal, que é formado de areia e areia de mar. Isso aqui há cem mil anos era mar, então qualquer lugar que você fura aqui, dá areia de praia. Então o cristal congelou igual a picolé, a sorvete; congelou com a erosão do vulcão que houve. Ele congelou tanto que o cristal que recebeu tanto calor, ele apurou e ficou limpinho como esse copo. E no que a terra esfriou, ele virou cascalho branco. É o que nós chamamos de "baliza". Aquela baliza que ia ter na ponta do morro e na ponta do outro, ela ia ser cristal, mas como a terra esfriou, ele num congelou. [...] De forma que é muito importante conhecer a natureza pra achar o cristal.

A vida social que envolvia o povoado de garimpeiros se concentrava na expectativa de ganhar uma grande fortuna da noite para o dia; achar uma "pedra de valor" era o que todos esperavam. Apesar de muitos terem ganho boas

quantias de dinheiro através da venda de pedras, pouquíssimos foram os garimpeiros que conseguiram montar algum patrimônio material. O dinheiro ganho com a atividade sempre era gasto de forma rápida e supérflua, sem qualquer tipo de investimento na localidade, como recorda Sassá:

[...] um grupo de, se não me engano, seis ou oito garimpeiros encontraram uma pedra que ela deveria pesar seus oitenta ou noventa quilos, quase toda limpa. Essa pedra teve um valor enorme. Eles viajaram pelo Brasil inteiro com o dinheiro daquela pedra, gastaram tudo num piscar de olhos e voltaram pra garimpar de novo. Porque a ambição, ela não existia. As pessoas queriam sobreviver, queriam acordar [...], dar comida pros seus filhos, num tinha que dar um carro pro filho quando ele fazia dezoito anos. [...] A maioria dos garimpeiros não ficou rico, a maioria das pessoas não ficaram ricas. Ficaram relativamente bem, mas não, ninguém milionário. Todo mundo que ganhava fácil, gastava muito fácil.

Seu Corinto recorda de uma pedra de grande valor que achou e dividiu com um sócio da época:

Foi setenta e tantos mil, mas ele nunca tinha visto dinheiro, coitado. Era pobre, mas muito direito. O homem ficou doido [...] Ele saía daqui - aqui tinha um aeroporto de aviãozinho teco-teco [...] – de avião e ía almoçar em Goiânia. Aí ele foi num lugar aí [...] onde tinha uns parente dele, aqueles parente tudo pobre, encheu o caminhão de parente e trouxe cinqüenta e tantas pessoas. E botou esse povo aí e comprou umas trezentas vacas... e matava uma vaca todo dia pra esse pessoal comer. Eita... num morreu com fome porque eu dei comida a ele muitos anos. [...] Acabou tudo, tudo, tudo. Olha, enquanto eu fiquei com dez mil e pouco, ele ficou com quase noventa! Botou tudo fora, morreu pobre, pobre, num rancho feinho [...]. De forma que dinheiro é bom, mas tem que saber as pessoas que pode ter ele.

Assim, apesar de circularem grandes somas financeiras no povoado, a pobreza sempre foi marcante; não existia água encanada, saneamento básico e nem fornecimento de energia elétrica na Vila de São Jorge.

Após o término da guerra, a comercialização do cristal entrou em crise, sendo praticamente extinta após a criação do cristal artificial, substituto mais prático e barato que seu original. O povoado continuou a existir, mas sobrevivendo

através do garimpo artesanal e de um comércio incipiente, centrado na pequena agricultura. Assim, mesmo depois de décadas de exploração e comercialização farta do cristal de quartzo, a comunidade continuava pobre, sem perspectivas de trabalho e com uma imensa falta de infra-estrutura básica para se desenvolver.

Com a construção de Brasília, na década de 50, esta passou a ser a principal referência comercial e geográfica para Alto Paraíso de Goiás, transformada em município em 1953 e distante cerca de 230km da capital brasileira. Ainda assim, o acesso era feito por estrada de terra - assim como também de Alto Paraíso para a Vila de São Jorge – sendo necessários alguns dias para viajar de um ponto a outro. A pobreza e a falta de perspectivas locais fizeram com que esta região se tornasse conhecida como “corredor da miséria”, título que até hoje marca as lembranças dos moradores mais velhos. Seu Corinto conta as dificuldades de quando chegou na região:

Naquela época, isso aqui era uma dificuldade muito grande pra gente vir... Porque não tinha estrada; pra dizer a verdade eu gastava um dia inteiro daqui até Alto Paraíso de jipe. Eu carregava o pessoal de graça só pra me ajudar a desatolar o carro, era muito difícil. [...] Eu pra dar notícia à família em Brasília, eu tinha que sair daqui e ir lá, num tinha outro meio de comunicação. Num tinha telefone, num tinha telegrama, num tinha celular, celular nem se fala! Era muito difícil as coisa aqui, só que era uma tranquilidade...

Em 1964 foi criado o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, na mesma área onde se encontrava o garimpo de cristal. Oficialmente, tanto a caça quanto a extração de minerais e plantas foram proibidas, mas muitos anos se passaram até que o IBAMA implantasse uma administração que realmente fosse capaz de fiscalizar e regulamentar o funcionamento efetivo da área.

No final da década de 70, Ary Valadão Filho, filho do então governador do estado de Goiás, visitou a Chapada dos Veadeiros e vislumbrou ali a oportunidade

de fomentar uma zona de desenvolvimento econômico, baseada na exploração turística dos recursos naturais existentes, como as cachoeiras e as trilhas dentro do cerrado.

Ele foi o grande responsável pela implantação de uma infra-estrutura mínima em Alto Paraíso. Movido por uma grande paixão e admiração pela localidade e suas belezas geográficas, este homem elaborou e começou a implantar um projeto de desenvolvimento que levou o seu nome.

Com recursos financeiros facilmente obtidos junto ao governo estadual, foi construída uma rodovia ligando Brasília à Alto Paraíso (diminuindo o tempo de viagem para cerca de duas horas e meia de duração), implantado o primeiro hotel da cidade e introduzidos sistemas de telefonia, energia elétrica e saneamento. O projeto previa também a implantação de um aeroporto, que começou com a construção da pista de pouso.

Inesperadamente, Ary Valadão morreu num acidente aéreo, ocorrido enquanto sobrevoava a Chapada dos Veadeiros. Mais uma vez, as expectativas por um desenvolvimento econômico que já se mostrava bastante próximo e consolidado foram interrompidas bruscamente.

A conclusão do projeto foi suspensa, como também as obras do aeroporto local. No entanto, a cidade já dispunha de uma base estrutural mínima, incluindo um pequeno comércio de alimentos e materiais de consumo básico na comunidade.

Nos primeiros anos da década de 80, a Vila de São Jorge era então constituída por pessoas que viviam de uma agricultura de subsistência e ainda sem qualquer infra-estrutura de energia elétrica ou água encanada. Sassá conta um pouco de sua infância:

[...] na chácara (onde ele nasceu e cresceu) também se plantava o que se comia, né? Aqui era tudo diferente... até a década de 80 se conseguia fazer tudo à base de troca. A moeda corrente era o produto, se trocava arroz por feijão, carne por grãos e assim vai..."

Mesmo assim, a beleza do lugar atraiu os primeiros visitantes para o povoado, que dispunham de um forte sentimento de aventura e sem maiores exigências com relação a conforto, uma vez que esta localidade não oferecia qualquer tipo de serviço organizado para hospedagem ou alimentação.

Apesar de existir oficialmente, na prática, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros era uma área de livre acesso e sem qualquer tipo de fiscalização sobre o fluxo de visitantes. Esta situação gerou um rápido processo de degradação da área a partir da poluição ambiental e sonora, além dos constantes casos de acidentes nas cachoeiras e nos rios ali existentes. Neste período, a Vila de São Jorge já contava com alguns novos moradores que haviam conhecido a região enquanto visitantes e, motivados por questões espirituais ou um profundo desejo de viver perto da natureza, por ali foram ficando até estabelecer moradia.

Ainda sob as marcas do passado do garimpo e todas as conseqüências sociais e ambientais que tal atividade impunha, estas pessoas começaram a trabalhar com a recepção dos novos visitantes, ainda que de forma bastante improvisada devido à precariedade estrutural da localidade.

Rosa, uma das primeiras pessoas que chegaram a São Jorge (ainda na década de 80), pioneira no trabalho com o turismo local, recorda:

Era assim: um povoado à mingua, à beira de um parque nacional que tava ao Deus dará também ali, tudo com muita dificuldade e aí a gente viu que tinha essa história de ecoturismo e de uma coisa de mudança [...] Arrumamos uma casinha, fizemos uma área de camping, compramos barracas. Então nós trazíamos as pessoas... tudo improvisado, né? [...] A gente passava toda sorte de aperto [...] Tinha que trazer tudo de Brasília e o pessoal queria água quente para tomar banho, a gente esquentava no fogão de lenha, punha num balde, puxava a cordinha e tinha água quente. Mas era muito legal,

né? E com isso a gente começou a mudar o povoado dizendo para eles que eles podiam crescer, mas sem arrumar dinheiro fora, aprendendo a fazer as coisas...

Rapidamente a atividade turística foi se firmando como importante fonte de renda a partir do aumento do número de visitantes. Mesmo existindo oficialmente desde a década de 60, o Parque ainda não possuía uma administração efetiva que proporcionasse uma real monitoração dos seus recursos naturais. Até o final da década de 80 era permitido chegar de carro até as cachoeiras, o que resultava num grande fluxo de pessoas que acampavam no Parque, deixando lixo e outros detritos, além de não beneficiar em nada o povoado de São Jorge. Sassá lembra deste período:

Hoje os quintais (da Vila de São Jorge) são mais limpos, as pessoas passaram a ter uma consciência ambiental maior. [...] Até, se não me engano, quando eu tinha [...] nove pra dez anos, era permitido visita no Parque Nacional sem guia. As pessoas vinham de Brasília, na maior parte das vezes, vinham de carro, acampavam, deixavam o lixo, traziam sua comida, traziam sua bebida e de lá do Parque nem sequer saíam. E a comunidade só ficava com o presente deles que era o lixo, mais nada.

Em 1989, a situação do Parque era de total falta de controle e ameaça séria de degradação, resultando no seu fechamento, de modo que o lixo pudesse ser recolhido e as visitas pudessem se dar de forma mais organizada e com benefícios para a comunidade local.

Após um ano de acesso proibido, o Parque foi reaberto mediante o cumprimento de um regulamento que implicava em várias modificações no processo de entrada na área. Os conflitos com o IBAMA se baseavam na proibição de atividades ligadas à sobrevivência da comunidade de São Jorge e à falta de articulação com seus moradores. No entanto, a consciência de direito ao espaço natural dos nativos aliada ao discernimento dos imigrantes quanto aos direitos e

responsabilidades sobre uma área de preservação oficial, proporcionaram uma razoável inclusão da comunidade no processo de reabertura do Parque. A bagagem técnica dos imigrantes e o espírito de cooperação mútua e luta pelos ideais dos nativos foi fundamental para que o processo de implementação real do Parque funcionasse através da participação da comunidade, ainda que os desentendimentos e desvios de interesses fizessem parte de sua trajetória.

Rosa recorda um desses episódios:

Teve uma época lá no São Jorge que a gente não tinha água nenhuma, na seca, uma dificuldade muito grande. Então nós tivemos que ameaçar de fechar a estrada e num deixar ninguém que tinha ido passar o final de semana lá [...], num ia deixar as pessoas saírem de lá se o IBAMA não deixasse a gente tirar água lá do Parque. Aí o IBAMA ficou naquele impasse danado, tira num tira... Aí a SANEAGO⁷ entrou no meio e diziam que ia levar três meses pra tirar a água do Parque pra levar pra lá, porque tinha que ter maquinário, era uma coisa, né? Aí nós fizemos um mutirão lá com a comunidade e nesse mutirão a prefeitura entrou com as ferramentas e eles abriram as valas, puseram os canos e, enfim, em quinze dias se tinha água. Então a resposta da comunidade lá é muito legal.

Além disso, alguns depoimentos mostram que já havia uma percepção da necessidade de preservação do local, mesmo por conta dos antigos moradores, como recorda Seu Corinto:

Então quando o IBAMA fechou o Parque, muita gente achou ruim [...],mas eu procurei convencer eles que o Parque é a gente e a gente é o Parque [...] que a natureza é nossa, né? Mas não. Isso aqui era fogo pra todo canto,os garimpeiro botava fogo em tudo [...].

A administração do IBAMA sobre o Parque foi requerida e aceita, desde que a comunidade tivesse a maior participação possível nas decisões, incluindo a exigência de capacitar os ex-garimpeiros (maiores conhecedores da área geográfica visitada) como condutores de visitantes, como conta Sassá:

⁷ A SANEAGO – Saneamento de Goiás – é a empresa responsável pelo abastecimento de água e saneamento no estado de Goiás.

Eles (o IBAMA) conseguiram fazer o primeiro curso de guia de 89 pra 90 [...] e esse primeiro curso ele veio pra capacitar principalmente ex-garimpeiros, pessoas que destruíam. Foi aí que tudo começou. [...] Hoje, eles (os garimpeiros) podem contar essa história (do garimpo) na trilha, enquanto passeiam com os turistas. Isso é muito engraçado, porque aqueles que eram garimpeiros, hoje são guias. Ou são donos de pousada, de camping, de bar, de restaurante. Ou até mesmo de agência, né?

Além das restrições ambientais (como a proibição da coleta de espécimes da flora, caça e extração de minerais), as primeiras regras implantadas no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros proibiam o acesso de veículos automotores, os acampamentos e limitavam o número diário de visitantes, obrigando a presença de um guia para cada grupo de dez pessoas que adentrava no Parque. Foram estabelecidas apenas duas trilhas para visitação, que passavam por seus principais atrativos, distribuídos entre *cânions*, mirantes, corredeiras e cachoeiras. As demais áreas do Parque são, até hoje, de acesso restrito aos fiscais do IBAMA. No total, após passar por várias alterações em sua demarcação espacial desde sua implantação em 1961, a área do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros é constituída por 65.514,73 hectares, segundo o Decreto nº 99.279 de 16/06/90 (IBAMA).

Embora o fechamento do Parque tenha acontecido à revelia da comunidade de São Jorge, este fato acelerou a “descoberta” de outros atrativos na região, ampliando as atividades e a possibilidade de maior permanência dos visitantes, assim como beneficiou o potencial turístico de toda a área, incluindo a sede de Alto Paraíso.

Lula, um dos primeiros imigrantes na cidade, recorda sobre o surgimento da atividade turística:

Enquanto isso, o governo do estado de Goiás – em termos, assim, de políticas públicas – e até mesmo a prefeitura, não tinha acordado bem pra coisa, não. A coisa tava acontecendo de uma forma assim... à revelia das políticas públicas. Então tudo isso foi num crescendo, até o momento em que houve um... houve um ano de interrupção em que o Parque foi fechado. Quando o Parque foi fechado, já havia uma série de atividades estabelecidas, principalmente em São Jorge: bares, restaurantes, camping. E um ano vácuo, sem as portas do Parque tarem abertas, a demanda já era tão grande que as pessoas continuaram vindo e foi nessa ocasião que outros lugares começaram a ser popularizados. As pessoas vinham e, independente de entrar no Parque, iam pra o Vale da Lua (que já tinha sido descoberto), ia para o Solarium, no Moinho, sempre cachoeira, né?



Fig.5: Entrada atual do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.



Fig.6: Vista panorâmica do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

A comunidade de São Jorge, aos poucos, percebeu o quanto poderia lucrar com o turismo, como recorda Sassá:

Com essa proibição do turista entrar no Parque, só com o guia, passou a surgir o primeiro dormitório, que foi o da Dona Chiquinha, na Vila de São Jorge. E aquele turista, além dele vir contratar um guia, de repente ele tinha que pernoitar ou no camping de seu Corinto ou nos quartos que a Dona Chiquinha alugava. E comia, porque foi quando começou, surgiu o primeiro restaurante da Nenzinha e logo em seguida o restaurante da Teia. A Nenzinha servia comida de fogão à lenha, dentro da casa dela, numa mesa de quatro lugares... [...] E era muito assim, foi assim até 94,95...

Com outros locais sendo abertos e divulgados para visitação e apesar de pertencer ao município de Alto Paraíso, a Vila de São Jorge se desenvolveu de modo um tanto independente, adquirindo características próprias tanto com relação ao seu modo de vida e identidade, quanto com relação aos valores e constituição da população residente. Ali, as relações entre nativos e novos moradores deram-se de forma pouco mais tranqüila e, embora existisse um menor poder aquisitivo e

social dos primeiros, muitos destes conseguiram ser donos de seu próprio negócio e não apenas funcionários dos que vinham de fora.



Fig.7: Rua principal da Vila de São Jorge, em maio de 2004.
Foto: Shiguemi Matsumiya

Enquanto o povoado voltava-se para o desenvolvimento do ecoturismo⁸ – e tendo esta atividade como principal e quase única fonte de renda e trabalho até os dias de hoje – Alto Paraíso desenvolvia um outro tipo de turismo, praticado por amantes da natureza e, sobretudo, por esotéricos e espiritualistas, que viam a região como um local sagrado, um importante centro energético do planeta. Os visitantes que chegavam à cidade buscavam proximidade com a natureza e com as experiências místicas que poderiam advir que advinham deste encontro.

Como em muitos outros lugares de paisagem exuberante, a Chapada dos Veadeiros proporciona experiências místicas aos seus visitantes a partir da simples

⁸ O ecoturismo é um segmento do turismo realizado em áreas de forte interesse e beleza natural, além de envolver “tanto um sério compromisso com a natureza como responsabilidade social” (Western 2001:17)

aproximação com seus recursos naturais, assim como fala Eliade (1992:100), quando afirma que “a Natureza sempre exprime algo que a transcende”. Desta forma, um elemento natural, seja uma pedra ou uma árvore, é venerada pela essência que carrega em si, e não apenas por ser uma pedra ou uma árvore, mas sim pelo aspecto sagrado que ela revela.



Fig.8: Jardim de Maytrea, onde, segundo alguns esotéricos de Alto Paraíso, existiria uma caverna subterrânea que faz conexão Machu Picchu, no Peru.
Foto: Fred Monteiro.

Com profunda influência da conotação sagrada do espaço e a tensão existente entre esta percepção e as necessidades cotidianas, a sede de Alto Paraíso crescia lentamente, desenvolvendo-se como principal ponto de apoio para quem visitava a região da Chapada dos Veadeiros.

A partir da década de 90, o fluxo de turistas e novos moradores para a Chapada dos Veadeiros cresceu vertiginosamente, originados de todas as partes do Brasil e também de outros países, como Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra. A população de Alto Paraíso foi se construindo então através da

heterogeneidade de culturas, relacionando-se num cenário de grande exuberância paisagística e profundo apelo místico e espiritual.



Fig.9: Salto do Rio Preto (120m de altura), dentro da área do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

A fama desta cidade começou a se consolidar a partir da imagem de “terra prometida”, quando comunidades esotéricas e alternativas vindas de todo o país se estabeleceram para realizar algum tipo de trabalho espiritual, tanto coletivo quanto individual. Isabel relata:

Na época que eu cheguei, as pessoas vinham sem saber porquê, mas sabiam que tinham que estar. E aí você vai encontrar arquitetos que deixaram tudo, médicos que deixaram tudo, psicólogos que deixaram tudo pra estar aqui. A maioria chegou com um projeto, um projeto de comunidade, um projeto de centro, um projeto de alguma coisa, isso é bem interessante.

Porém, ainda na primeira metade dos anos 90, com a atividade turística já consolidada como principal fonte de trabalho e renda da região, correu pelo país uma matéria sobre uma epidemia de febre amarela na Chapada dos Veadeiros, veiculada através da principal emissora televisiva do país, em programas de grande audiência nacional. Logo, as reservas e viagens para a localidade foram canceladas e tanto Alto Paraíso quanto a Vila de São Jorge ficaram quase dois anos com o fluxo de visitantes profundamente afetado, resultando no fechamento de vários estabelecimentos de hospedagem, alimentação e demais serviços turísticos.

Mas o ponto mais significativo deste fato é que a epidemia de febre amarela nunca existiu. Na verdade, foi registrado apenas um caso de um único indivíduo que chegou já doente à região e ali veio a falecer dois dias após sua chegada, na cidade de Alto Paraíso. Mais uma vez, por um acontecimento inesperado e fora do controle de governantes e população, o crescimento econômico foi interrompido e a cidade foi obrigada a reconstruir-se a partir de uma nova perspectiva de futuro. No entanto, este período é visto como necessário para a localidade (do ponto de vista espiritual), como conta Isabel:

Teve uma época em que teve uma divulgação assim, em massa, então chegava gente drogada, muito mochileiro... pessoal que não respeita a natureza mesmo. E aí veio a onda da febre amarela, que não aconteceu a febre amarela, mas fez uma limpeza imensa m Alto Paraíso, graças a Deus.

Após este período de baixa estação prolongada, com a proximidade da virada do milênio aliada a toda conotação simbólica e mística deste evento em todo o mundo, o turismo foi retornando, lentamente, a representar uma atividade econômica viável e um número cada vez maior de espiritualistas e esotéricos voltou a estabelecer moradia na região. A maior parte destas pessoas esperava

vivenciar ali uma intensa transformação espiritual, seja através do contato direto com extraterrestres e seres de outros planos de existência, como também através da vinda de um novo messias.

Falava-se de uma terra onde a prosperidade e a paz seriam permanentes, longe dos transtornos urbanos das grandes metrópoles e de seus valores. A virada do milênio representava não apenas uma data simbólica para estas transformações, mas uma etapa de transformação espiritual que aconteceria também na matéria.

Após o ano de 2000, com tantas expectativas frustradas, praticamente todas as comunidades esotéricas e espiritualistas que ali existiam se desagregaram. Isto aconteceu tanto por motivos espirituais quanto pela própria desagregação interna das comunidades, uma vez que sempre existiram problemas tão comuns em outros grupos humanos, como os conflitos de poder e as vaidades individuais.

A virada do milênio e a frustração dos esotéricos e espiritualistas que esperavam um acontecimento significativo para a região da Chapada dos Veadeiros resultou na partida de muitos dos antigos moradores da cidade e uma queda no fluxo turístico para a localidade. Com exceção da Vila de São Jorge - que sempre manteve sua economia baseada no ecoturismo - Alto Paraíso teve alguns de seus estabelecimentos fechados e uma profunda modificação na maneira de se trabalhar a atividade turística na localidade.

A trajetória e os fatos que colaboraram para a atual formação da cidade se moldaram através do inesperado e de acontecimentos que estavam totalmente fora do controle de seus governantes e sociedade dominante. Este caos criador destrutivo, do qual fala Morin (2003), não só é uma personagem de peso na cidade, mas também um dos possíveis sentidos de sua identidade. Aquilo que

destrói também orienta para uma outra direção, de acordo com os planos de uma força maior e, por isso mesmo, traduz-se numa direção mais “correta” e positiva para aqueles que ali moram.

Embora o apelo místico continue, Alto Paraíso procura voltar-se para uma maior profissionalização do setor e uma melhor estruturação em termos de oferta de serviços e qualidade. Apesar de ainda existir uma carência com relação a investimentos e incremento no fluxo de visitantes, a cidade precisa que a economia se fortaleça com uma base sustentável sólida, assumindo sua característica singular de ter sido formada a partir da integração de diversas culturas e com a forte presença da espiritualidade, seja no discurso das pessoas ou na motivação pessoal de cada novo morador que ali chega e soma sua trajetória de vida à da região.

Capítulo 4. A MÃE NATUREZA DESAFIA

*Todas as coisas estão cheias de deuses.
Tales (c. 636-c a 546 a.C.)*

Na natureza, cabe ao ser humano vencer obstáculos, impostos tanto pelo ambiente quanto pelo outro. A satisfação das necessidades – fisiológicas e emocionais – passa a depender do esforço, da conquista e, fundamentalmente, da relação que se tem com o lugar de moradia e com os grupos humanos de convívio. Mas a sobrevivência não é mais que um estado necessário para as grandes realizações humanas, conseqüências de suas próprias inquietações pessoais.

Os últimos séculos de pesquisa e desenvolvimento científico foram dedicados ao controle do uso dos recursos naturais em função do bem-estar da humanidade, fundamentado nos valores do materialismo moderno. No entanto, esta justificativa se contrapõe à realidade: os principais avanços da Ciência e as conquistas materiais advindas deste processo estão concentrados nas mãos de uma minoria social e de alguns poucos países existentes no planeta, desenvolvendo-se de acordo com interesses também minoritários.

Como afirma Durand (2001:68), “o Ocidente conferiu à Ciência um imperialismo ideológico, colocando-a como única dona de uma verdade iconoclasta e o fundamento supremo dos valores”. Esta proposta científica cresceu lado a lado com o mito do desenvolvimento, assim explicado por Morin (1995:83):

O desenvolvimento tem dois aspectos. De um lado, é um mito global no qual as sociedades industrializadas atingem o bem-estar, reduzem suas desigualdades extremas e dispensam aos indivíduos o máximo de felicidade que uma sociedade pode dispensar. De outro, é uma concepção redutora, em que o crescimento econômico é o motor necessário e suficiente de todos os desenvolvimentos sociais,

psíquicos e morais. Essa concepção tecno-econômica ignora os problemas humanos de identidade, da comunidade, da solidariedade, da cultura.

Assim, se distanciando das imagens, a Ciência se distanciou do humano, embora possamos assistir agora a um confronto entre a precisão científica e a realidade do uso de símbolos – objetos do imaginário – como modelos (Durand, 2001:68).

Este espaço vazio começa, então, a ser preenchido por manifestações simbólicas e materiais de retomada de antigos valores, mais próximos do “simples” e do “natural”. Não há como negar que os benefícios proporcionados pela tecnologia e pelo desenvolvimento das pesquisas científicas (principalmente na medicina) têm contribuído para uma melhoria de qualidade de vida, mas o avanço que o homem conquistou trouxe consigo um contraponto negativo, um aspecto com potencial para a manifestação de novos problemas para o ambiente e para a sociedade. Os avanços tecnológicos não foram acompanhados na mesma medida pelos avanços morais, relativizando o valor da Ciência. Mas concordo com Atlan (s/d) de que seria muita superficialidade tratar deste assunto generalizando e condenando o homem ao seu próprio fracasso.

A fabricação de produtos que facilitam o cotidiano trouxe mais poluição, a melhoria da produtividade agrícola aumentou as possibilidades de contaminação tóxica, a descoberta de remédios resultaram na existência de outras doenças, o uso indiscriminado dos recursos naturais provocaram uma crescente escassez destes mesmos recursos, a transformação que o homem impôs à natureza levou à extinção de espécimes animais. A vida sobre a terra está diferente; as conquistas do homem ameaçam sua sobrevivência e dificulta sua maior necessidade: viver bem.

As alterações climáticas e as catástrofes naturais ainda estão fora do controle humano; a necessidade dos elementos naturais para a criação e manutenção da vida continua sendo fundamental. Da complexa sociedade moderna surge a necessidade de voltar-se para o simples; os valores ecológicos e comunitários crescem e se fortalecem, ainda que apresentem novas “vestes”, novas lentes de percepção (Balandier, 2001). Mas a tensão e os conflitos decorrentes deste processo ainda não se resolveram. Na verdade, talvez nunca se resolvam, pois integram o próprio processo evolutivo planetário. O peso que cada ação tem sobre o ambiente é que se modifica, o potencial de inclusão humana é que deverá ser alterado, a forma como nos relacionamos com nós mesmos e com o ambiente em que vivemos é que será, certamente, transformado.

O contrato social fez com que o homem esquecesse a natureza e se voltasse para a construção e fortalecimento da sociedade. Desta forma, o momento atual necessita de um pacto coletivo, um contrato natural, assim como propõe Serres (1997:60-65). Este contrato acrescentaria ao contrato social:

[...] a celebração de um contrato de simbiose e de reciprocidade em que a nossa relação com as coisas permitiria o domínio e a posse pela escuta admirativa, a reciprocidade, a contemplação e o respeito, em que o conhecimento não suporia já a propriedade, nem a acção o domínio, nem estes os seus resultados ou condições estercoárias. Um contrato de armistício na guerra objectiva, um contrato de simbiose: o simbiota admite o direito do hospedeiro, enquanto o parasita – o nosso actual estatuto – condena à morte aquele que pilha e o habita sem ter consciência de que, a prazo, se condena a si mesmo ao desaparecimento.

A busca por uma situação de sustentabilidade ambiental ocupa lugar de prioridade nos discursos governamentais e civis da sociedade atual. O que parecia ser óbvio apresenta-se como uma difícil tarefa a ser realizada diante de tantas transformações causadas pela obstinação em ter, controlar e poder.

Em Alto Paraíso, estes três desejos precisam ainda enfrentar os obstáculos naturais e da própria revalorização da natureza, que resultou em leis ambientais que restringem o uso dos recursos naturais locais. O controle e o poder econômico estão em constante atrito com os movimentos ambientalistas locais, que por sua vez se chocam com a necessidade de gerar riquezas financeiras para a região. A tensão entre estes dois elementos é constante e tem sido um dos principais condutores da trajetória da cidade.

Equilibrar os três desejos humanos – de posse, controle e poder - junto ao uso sustentável da natureza é também o objetivo maior do pensamento da Nova Era e de uma espiritualidade que ainda soa estranha ao pregar a simplicidade, a liberdade responsável e o auto-conhecimento para o bem viver.

4.1. A busca pela sustentabilidade ambiental

Dentro da proposta de desenvolvimento sustentável está o ideal do uso racional dos recursos naturais. A reflexão de Capra (2002:110) sobre este assunto diz que:

Para construir uma sociedade sustentável para nossos filhos e as gerações futuras, temos de repensar desde a base uma boa parte das nossas tecnologias e instituições sociais, de modo a conseguir transpor o enorme abismo que se abriu entre os projetos e os sistemas ecologicamente sustentáveis da natureza.

O que inicialmente parece um plano de fácil realização, envolve diversas dimensões da complexidade humana, pois depende da harmonização entre interesses, conhecimento técnico, percepções de mundo e resposta da natureza

frente às intervenções da sociedade. Além disso, estabelecer os limites entre o equilíbrio cultural e suas distorções no uso dos recursos naturais é um desafio para as entidades governamentais. Mesmo com toda a fiscalização do IBAMA e oficinas de conscientização ambiental (que apenas repetem o discurso politicamente correto, sem considerar particularidades locais), um morador do município fala da caça proibida na região:

O IBAMA dá em cima. São duas coisa no Brasil que dá cadeia: matar os animal do meio ambiente, sem fiança, e pensão de mulher ou de filho. O resto tudo sai, mas esse num sai, dá cadeia. Então os indivíduo tem medo. Mas eles ainda matam muito. Se eu falar pra eles 'traz amanhã pra mim uma paca', eles traz, escondido. Ninguém pode com o povo, né?

Durante o período que passei em Alto Paraíso, pude observar que, embora o discurso do uso racional dos recursos naturais esteja sempre presente, a falta de capacitação técnica e o conflito de interesses é uma constante ameaça a este processo. Ao mesmo tempo em que se preza pela manutenção das trilhas, dos rios e das cachoeiras, esbarra-se na falta de recursos financeiros e escassez de empregos decorrentes dos períodos de baixa estação.

Segundo a IUCN (World Conservation Union)⁹, o desenvolvimento sustentável pode ser definido como “o processo que permite o desenvolvimento sem degradar ou esgotar os recursos que tornam possíveis o mesmo desenvolvimento”. Neste conceito fica clara a idéia de ciclo, que traz, intrinsecamente, a consciência e a percepção da necessidade de orientar a forma de atuação do homem no planeta.

O propósito de desenvolver-se sustentavelmente surgiu diante da necessidade de frear o processo de degradação ambiental em todos os continentes.

⁹ A IUCN (World Conservation Union) constitui um grupo de trabalho e discussão sem fins lucrativos, voltada para a execução e elaboração de projetos para o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, envolvendo membros de 140 países, entidades governamentais e outras 800 ONGs de todo o mundo.

A criação do sistema de Unidades de Conservação, que limita o uso e ocupação de áreas de interesse e relevância ecológica, foi um dos instrumentos que garantiria o alcance deste objetivo.

Nesse contexto, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros foi implantado não só com o intuito de resguardar o patrimônio natural ali encontrado, mas também para conferir uma maior importância à região, despertando mais tarde para o interesse turístico.

Embora a idéia de sustentabilidade ambiental seja aceita como coerente por todas as nações, a prática e as restrições necessárias à sua materialização são de difícil alcance, principalmente porque inclui profundas mudanças de comportamento e hábitos culturais.

Inúmeras áreas em todo o mundo oferecem uma grande oferta de recursos naturais, além de possuir um forte apelo paisagístico e riqueza de flora e fauna. Tais localidades (como é o caso da região de Alto Paraíso) são bastante visadas tanto por ambientalistas – que vêem ali um espaço a ser preservado - quanto por empresários – que vislumbram um grande potencial de geração de riqueza.

Às comunidades tradicionais e especiais¹⁰ existentes no entorno destas áreas, cabe a complexa tarefa de sobreviver com as diferentes possibilidades de ganho, fazendo escolhas entre os benefícios “prometidos” pelo caminho da preservação e pelo caminho do desenvolvimento econômico. O uso sustentável dos recursos naturais, conceito tão propagado nas últimas décadas, propiciaria o equilíbrio entre ambos.

¹⁰ As comunidades especiais são definidas por Matsumiya (2002:17) como “grupos populacionais considerados como um todo por seus aspectos geográficos, econômicos e culturais comuns (...). Grande parte destas comunidades é caracterizada pela pobreza econômica, mas também por uma grande riqueza natural-ambiental e/ou cultural. O passado histórico comum não é, necessariamente, uma característica das comunidades especiais, visto que muitas delas são formadas pela imigração de pessoas de diversas partes do país”.

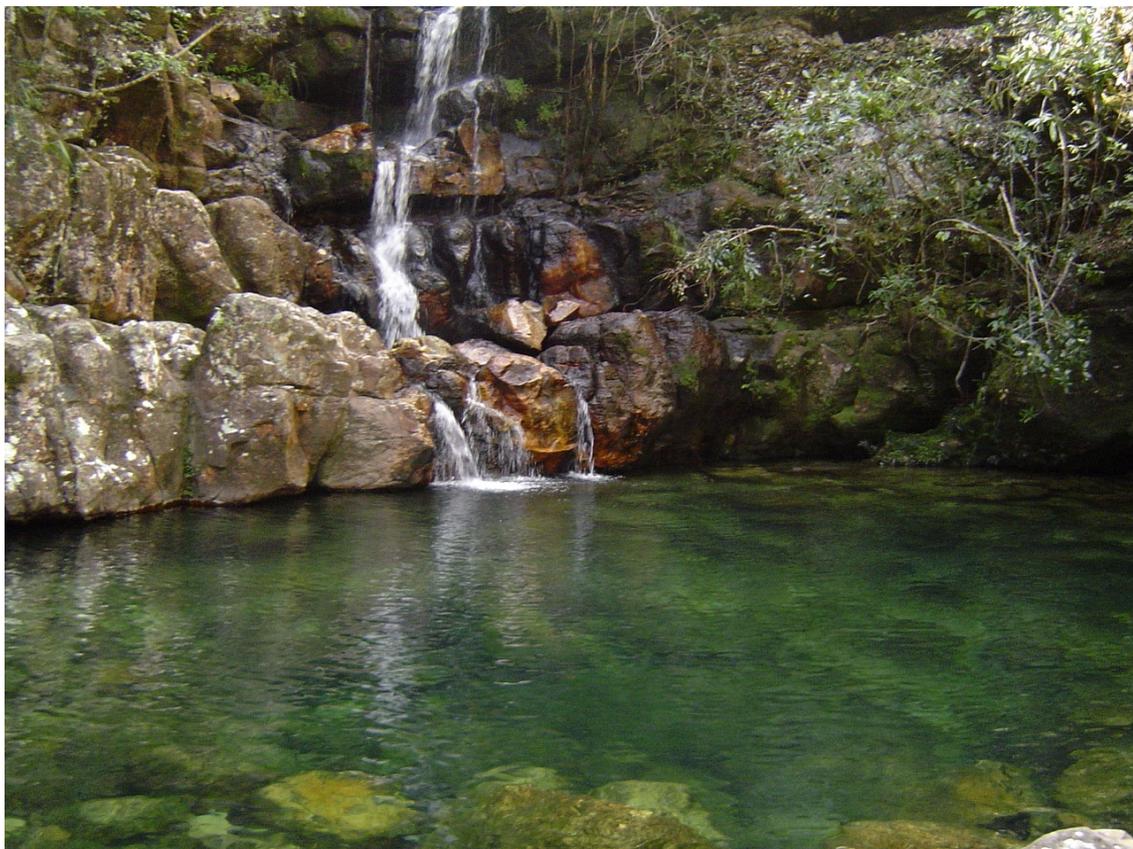


Fig.10: Loquinhas, em Alto Paraíso.

Foto: Fred Monteiro

O ecoturismo chega nestas áreas como um instrumento potencialmente eficaz para alcançar este equilíbrio, uma vez que requer a conservação dos recursos naturais e a manutenção ambiental para atrair turistas e, assim, possibilitar geração de trabalho e renda para a comunidade receptora. Irene, nativa da cidade recorda:

Eu acho que esse lado da preservação era mais o pessoal de fora mesmo. [...] Eu mesma não cheguei a ter muito contato, mas muitos se aproximaram.[...] Iam falar com palestras, essas coisas assim, né? E tem o IBAMA também. Com esses contatos aí do pessoal de fora a gente ia se encaixando.

Rosa, imigrante da década de 80, afirma:

O ecoturismo é o seguinte: nossos antepassados foram pessoas da terra [...] nossa raiz todinha, ela é agrícola, do mundo inteiro, o planeta inteiro. Então, as pessoas foram se desligando disso tudo, vivendo um outro tipo de vida, em cidade e num sei quê. Mas quando

ela vem e faz uma caminhada, ela se religa com a natureza. É porque ela tem aquilo lá dentro, né?

No entanto, muitos destinos ecoturísticos tiveram o fluxo de visitantes aumentado de tal forma que a base de crescimento sustentável foi substituída por regras que se tornaram demasiadamente flexíveis para adequarem-se às necessidades da demanda turística. Localidades que antes precisavam apenas de uma infra-estrutura mínima para o acolhimento de pessoas que chegavam à procura da uma maior proximidade com a natureza, hoje se preparam para receber visitantes com os mais diversos objetivos e voltam seus incentivos para uma estruturação que proporcione conforto, requinte e uma ampla variedade de opções de lazer e entretenimento.

É o caso de destinos como Fernando de Noronha/PE e a Chapada Diamantina/BA, que iniciaram a atividade ecoturística de forma bastante amadora e depois chegaram a um grande fluxo de visitantes que hoje se hospedam em hotéis sofisticados e alimentam-se em restaurantes que oferecem um cardápio não muito diferente daqueles encontrados nos grandes centros urbanos.

Alto Paraíso segue um trajeto parecido com muitos destes destinos, mas possui características na sua formação cultural que resultou em diferenças marcantes quanto à sua organização de valores e percepções da natureza como meio de sobrevivência. A influência da espiritualidade na busca pela sustentabilidade ambiental é um elemento ainda indefinido, mas extremamente presente nas ações, anseios e expectativas de seus moradores.

4.2. O espaço da espiritualidade e os desafios para viver na natureza

É difícil e desnecessário precisar a origem da imagem espiritualista da região da Chapada dos Veadeiros e a conotação de espaço sagrado da cidade de Alto Paraíso.



Fig.11: Entrada da cidade

Foto: Antônio Gonçalves

Mas, antes disso, convém lembrar que a própria cidade de Brasília – principal referência geográfica e comercial para Alto Paraíso - é cercada de mistérios e misticismo, com relatos que falam da influência de videntes e astrólogos desde a decisão da localidade escolhida para a construção até a elaboração da planta da cidade.

Toda a região do Planalto Central está presente num dos relatos mais antigos sobre o caráter sagrado daquela localidade, a profecia de Dom Bosco. Esta profecia se encontra gravada numa pedra na Ermida de Dom Bosco, erguida na

cidade de Brasília. Segundo relatos da Igreja Católica contados por muitos moradores da cidade, este frei – que morava na Itália – teve uma visão na qual fazia as seguintes previsões:

Quando se vierem cavar as minas escondidas em meio a estes montes, aparecerá aqui a terra prometida, que jorra leite e mel. Será uma riqueza incontestável. Isto acontecerá antes que passa a segunda geração... um lago largo e comprido.

A ermida de Dom Bosco foi construída no local correspondente ao Paralelo 14, onde se encontram também as ruínas de Machu Picchu, no Peru, cidade também bastante visitada por espiritualistas e considerada um dos importantes centros energéticos do planeta (Viana, 2001).

O próprio nome da cidade já denota um aspecto relacionado tanto à prosperidade quanto ao lado espiritual; a palavra *paraíso*, empregada junto com o adjetivo *alto* (por situar-se em uma região de elevada altitude) oferece à imaginação diversas possibilidades de refletir sobre a plenitude de uma localidade que possui características paradisíacas. Por sua beleza cênica e riqueza em recursos naturais de grande porte, o nome de Alto Paraíso foi escolhido por moradores influentes da região e continua sendo apresentado com grande prazer pelos moradores a todos que ali chegam à procura de algo que traduza o significado do nome da cidade. Mesmo com origens bem diferentes dos esotéricos e ambientalistas, os moradores mais antigos da região também absorveram muito da linguagem sobre o lugar, incorporando-a aos seus próprios valores, como declara Seu Corinto, morador de São Jorge:

Aqui é um lugar que você num cansa, por causa da energia que tem. [...] Sabe quantos anos eu tenho? Oitenta anos! É porque eu moro aqui há quarenta. Aqui você levanta cedo e pega a energia da natureza pura, você num tem poluição... eu levanto cinco horas da manhã, respiro o ar puro e caminho muito. [...] Eu alimento bem, [...], tomo muito banho frio, isso ajuda muito a natureza da gente.



Fig.12: Placa na entrada da cidade.

Foto:Daniel Meinberg

Numa dimensão mais abrangente do universo esotérico, existem relatos de várias religiões e espiritualistas de diversas linhas de pensamento que falam de uma grande transformação que toda a Terra sofreria por volta do ano de 2012. Esta transformação inclui desde a quebra do sistema financeiro atual até mudanças da nossa dimensão física (Argüelles, 1998). Outros autores e pesquisadores da área esotérica e da ufologia, como Rodrigo Romo¹¹, afirmam que tais alterações incluem a extinção de algumas parcelas de terra dos continentes e catástrofes naturais que afetariam países inteiros.

Para os inúmeros esotéricos que visitam e moram na cidade, Alto Paraíso estaria entre os lugares que permaneceriam resguardados destes acontecimentos,

¹¹ Rodrigo Romo é chileno, autor de diversos livros ligados à temática espiritualista e ufológica. Bastante conhecido no meio esotérico, reside atualmente em São Paulo e ministra palestras e cursos na área de cura quântica por todo o Brasil e Chile. Grande parte de seus textos podem também ser encontrados através do site www.shtareer.com.br

um lugar planejado pela espiritualidade para abrigar uma civilização de consciência e harmonia, capaz de curar e transformar positivamente aqueles que por ali passarem.



Fig.13: Vista da cidade

Foto: Shiguemi Matsumiya

Em setembro de 1926, a Coluna Prestes atravessa a Chapada dos Veadeiros e deixa registros de admiração e encanto pela região nos diários de seus integrantes (Lima, 2001). Este fato também tornou-se bastante conhecido na região devido à importância histórica para o Brasil da Coluna Prestes e inspira espiritualistas sobre o caráter sagrado e energético do lugar.

Em 1957, quando a região da Chapada dos Veadeiros ainda era de difícil acesso e sem qualquer tipo de infra-estrutura para visitantes, um grupo de alemães chegou em Alto Paraíso com o objetivo de implantar uma fazenda-escola baseada na filosofia do esperanto e seus princípios espiritualistas de solidariedade e universalismo (*idem*). Segundo relatos de moradores de Alto Paraíso, a trajetória destas pessoas da Alemanha até o Brasil foi realizada com base em uma comunicação espiritual que os orientava sobre o lugar exato onde deveria ser

implantado o projeto, embora eles nunca tivessem ouvido falar sobre a região da Chapada dos Veadeiros e soubessem pouquíssimo sobre o Brasil. Com o nome de *Bona Espero*, a escola fundada funciona até os dias de hoje. Este local iria abrigar, na década de 80, um movimento de imigrantes espiritualistas chamado Projeto Rumo ao Sol. Em seu livro, Lima (2001:88) conta:

[...] no Natal de 1980, realiza na Bona Espero um encontro com mais de 180 'alternativos', trazendo até a chapada as sementes de um novo modelo de colonização, baseado nos pressupostos de preservação da natureza, da produção e consumo de alimentos naturais, do crescimento espiritual e da vida em comunidade. São os 'novos ciganos', popularmente chamados de 'hippies', sendo boa parte, realmente, oriundos da magia e dos devaneios que embalaram as décadas de 60 e 70.

Esta comunidade veio a se desintegrar anos mais tarde, embora muitos de seus componentes tenham estabelecido residência em Alto Paraíso e continuado a buscar uma vida mais próxima da natureza e sua conotação sagrada.

No início da década de 60, uma organização espírita de base kardecista implanta uma outra fazenda-escola, com o nome de Cidade da Fraternidade. Esta entidade também contribuiu bastante para a divulgação de Alto Paraíso como um local de conversão energética e grande importância para trabalhos espirituais.

No início da década de 90, Osho, um grande líder espiritual da Índia, sugeriu a várias pessoas que fossem morar em Alto Paraíso, justamente por aquele ser um lugar sagrado e de forte convergência energética planetária. Ele orientava sobre a implantação de uma comunidade com base nos princípios de uma vida voltada para o coletivo e para o equilíbrio do cotidiano com a natureza.

Um grupo formado por discípulos de Osho migrou para Alto Paraíso e foi então formada uma grande comunidade sannyasins¹², constituída por pessoas de poder aquisitivo variado, que compraram um grande pedaço de terra para ali se estabelecerem e viverem uma vida coletiva em harmonia com os princípios de seu mestre. No entanto, as dificuldades pessoais para residir num espaço compartilhado foram muitas, como conta Isabel:

Um grupo grande de pessoas que vieram pra cá foi o Osho que mandou. O Osho mostrou essa região lá na Índia e disse que era muito importante que tivesse um grupo que viesse pra cá e eles compraram uma terra muito grande, belíssima, tem cristais belíssimos [...] e, logicamente, brigaram tudo feito uns doido porque... quem pode, né? Morar com vinte famílias no meio do mato quando você nem tá acostumado com meio de mato... e foi uma guerra, guerra mesmo porque chegaram a usar arma.

A comunidade se desfez após alguns anos, embora muitos de seus moradores tenham continuado em Alto Paraíso habitando propriedades individuais.

Esta história se repetiu com muitos outros grupos que chegaram em Alto Paraíso depois da virada de 90, com o objetivo de formarem comunidades conhecidas como “alternativas” ou “esotéricas”, como os Cavaleiros de Maytreia¹³ e as Cúpulas de Saint Germain¹⁴. Sassá fala da chegada dessas comunidades:

O primeiro grupo, assim que eu tive conhecimento, foi o das Cúpulas de Saint Germain. De lá pra cá, até tipo 99, foi...foi bem crescente a coisa. [...] Muitos diziam que era a Terra Prometida, que era a terra onde iria ter paz no terceiro milênio, na Nova Era, e que é uma região muito agraciada por Deus pelo fato da gente tá aqui em cima de um grande lençol de cristal. Acho que o cristal foi uma das peças fundamentais pra esse movimento esotérico-eco-místico, né?

¹² Sannyasi é o título dado a um grau de devotos da linha do hinduísmo, como os discípulos de Krishna.

¹³ Os Cavaleiros de Maytreia chegaram em Alto Paraíso afirmando que o novo Cristo viria à terra, surgindo exatamente num ponto próximo àquela cidade. Estavam ligados à linha que realiza práticas da Fraternidade Branca, que tem bases estreitas com a ufologia mística.

¹⁴ Este grupo também era ligado à Fraternidade Branca, sendo Saint Germain uma entidade de luz, que já teria vivido na Terra como um grande alquimista e hoje estaria auxiliando a humanidade em seu processo de transformação (Prophet, 2004).



Fig.14: Ruínas das construções de moradia do grupo das Cúpulas de Saint Germain.
Foto: Shiguemi Matsumiya

Embora todos estes grupos apresentassem visões de mundo diferenciadas, imprimindo a característica de multiculturalidade ao local, tinham em comum a crença na convivência e na interlocução permanente entre o universo material e o espiritual. Neste trabalho, estes grupos são tratados como um todo que imprimem a dimensão da espiritualidade no espaço pesquisado.

Isabel conta as primeiras impressões que teve ao chegar e conhecer o movimento de grupos que formavam comunidades na cidade:

Quando eu cheguei, eu cheguei com um companheiro e a minha fala e a dele era de construir um lugar que as pessoas pudessem chegar e fazer grupos. Aí eu comecei a ver que cada um tinha um projeto: um vinha montar comunidade, o outro ia salvar o mundo, o outro vinha num sei quê... [...] Aí eu falei assim: isso é tudo trampa da espiritualidade! Nós temos que estar aqui nesse lugar e esses projetos não vão se realizar, porque eu via assim que já tinha pessoas completamente enredadas na teia da distorção... tentando montar comunidades... assim, sem ter condição nem de viver com os próprios filhos, mas querendo viver com vinte, trinta pessoas, quando não podia nem se olhar a si próprio, né?

Além dos grupos, alguns dos turistas que visitavam a região resolviam morar definitivamente na cidade. Ainda hoje existem diversos casos de pessoas que chegam pela primeira vez na cidade já com o objetivo de ali residir, pois afirmam

ter ouvido um “chamado” interno muito forte para esta decisão. Rosa também vivenciou este processo e conta:

Em Brasília a gente trabalhava com televisão e eu fui trabalhar na TV Centro América de Cuiabá. [...] E eu, uma vez [...] tava de madrugada na redação [...] e comecei a preparar pauta fria, que aí deixava lá e na hora de necessidade, né? Pegava ali... E nisso começou me vir assim uma coisa, toda meio pronta, né, que era assim: falava de um lugar eh... que tinha... circundado de um vale, circundado de montanhas e aí eu via uma casa... Pra mim era um casarão muito grande, cheio de quartos e eu chegava na janela e da janela eu via assim um jardim com desenho de uma estrela e uma lua. E eu fiquei com aquilo na cabeça, num sei quê, e aí eu escrevi várias coisas sobre aquilo que eu vi [...]. E eu via uma estrada de chão, um pedaço de estrada. Escrevi, deixei lá e continuei. Dez dias Fernanda Montenegro tava lá fazendo uma peça de teatro na universidade e eu fui fazer a cobertura no trabalho. No intervalo da peça me deu vontade de ligar pro Elias (ex-marido), saber se tava tudo bem... Quando eu ligo pra ele, ele vira e fala assim: ‘olha tem um lugar maravilhoso etc, começou a falar daqui. Eu quero que você venha e traga as filhas pra conhecer aqui’. E eu acabei vindo aqui conhecer. [...]

Já Isabel relata assim a sua chegada na cidade há mais de dez anos:

Eu conheci Alto Paraíso por um congresso que teria aqui (da área esotérica) [...]. Em 92 foi que eu vim a primeira vez com essa pessoa que organizou uma excursão e que já não haveria mais o congresso, mas, bom... de 92 pra 94 eu vim de Florianópolis seis vezes de ônibus, em excursões [...]. Na primeira excursão houve um encantamento geral: todos iriam morar em Alto Paraíso, o ônibus inteiro, eu era a única que não iria morar em Alto Paraíso porque eu dizia assim, que se todos fossem fugir dos lugares densos, quem ficaria pra sustentar a energia? [...] Enfim, eu fui a única que vim morar em Alto Paraíso, de todo aquele grupo que viria, né? [...] Da segunda vez eu já havia recebido uma intuição em sonho e que eu precisava comprar um terreno aqui. [...] Em 94 já havia uma emergência muito grande dentro de mim que eu precisava vir morar em Alto Paraíso. Era uma sensação apenas, não tinha nada de concreto. [...] A sensação era de que o meu projeto de vida iria mudar se eu não estivesse aqui. Então eles me mostravam num sonho como se fosse uma grande engrenagem espiritual, que eu fazia parte daquela engrenagem [...]

Pode-se dizer que a maior parte dos imigrantes que chegaram à cidade o fizeram por uma experiência pessoal que resultou neste deslocamento; o “chamado” está presente no discurso de muitos moradores da cidade, assim como

o sentimento de necessidade para a realização de algo importante naquele lugar. As pessoas falam que se sentiram “chamadas” para morar lá, como se tivessem uma missão a cumprir, uma sensação de que algo muito importante estivesse para acontecer em suas vidas e fosse preciso estar ali para passar por essa experiência. É um sentimento interno, sempre acompanhado de muitas expectativas sobre a cidade.

A princípio, encantar-se com Alto Paraíso vem a ser uma experiência muito fácil. É uma cidade tranqüila, com ruas agradáveis e atrativos naturais realmente de grande beleza cênica e imponência.

O privilégio de ter cachoeiras e trilhas à disposição no cotidiano atrai ecologistas e espiritualistas, além de estimular uma vida mais serena, com hábitos mais saudáveis, dificilmente praticados na correria das grandes metrópoles.



Fig.15: Principal avenida da cidade.

Foto: Shiguemi Matsumiya

A diversidade de pessoas residindo na cidade (expressa nas múltiplas visões de mundo que ali encontrei), normalmente bastante receptivas aos novos moradores, difere de outras cidades pelas novidades que elas têm a oferecer: tarô, *reiki*, massagens, calendário maia, profecias sobre o futuro do planeta, alimentação natural, meditação, discos voadores, medicina natural e tantos outros temas caros ao movimento esotérico.

Apesar de ser uma pequena cidade do interior, ali moram pessoas de diversas formações profissionais (arquitetos, médicos, advogados, ambientalistas, professores, artistas plásticos, músicos, artesãos, empresários e outros), o que torna sua população atraente e socialmente convidativa, embora muitos não exerçam sua profissão na cidade. São produtos de uma sociedade moderna, influenciada pela mudança de perspectiva espacial resultante das conquistas estelares do homem, complementando a afirmação de Balandier (2001:238):

O culto espacial não está apenas associado às mitologias nascentes da modernidade, mas também às expectativas reais de grupos que convertem sua angústia terrestre em esperança celeste – os seres do espaço trarão a salvação, é preciso preparar sua vinda. Um messianismo cósmico aparece, semelhante aos cultos melanésios do cargueiro mítico que querem provocar o retorno dos ancestrais portadores de riquezas e conhecimentos, os únicos capazes de pôr fim à miséria material e cultural. Uma espera redentora igual responde às ansiedades oriundas da tradição destruída e das tradições nascidas da modernidade destruidora.

Em Alto Paraíso, este culto se manifesta através da idéia do contato com extraterrestres, seja ele voluntário ou não. De qualquer forma, o “messianismo cósmico” do qual fala Balandier (*idem*) aparece com freqüência no esoterismo da localidade. Os valores esotéricos estão presentes no falar, no vestir, no comer e no morar, sendo este último facilmente verificado na arquitetura futurista tão criticada pelos ambientalistas, como escreve Lima (2001:22):

[...] enquanto uma raça de anões esotéricos, professando uma religiosidade anêmica, polui o cenário, querendo se perpetuar através de um arqui-urbanismo de gosto duvidoso, que começa com um africanismo tribal sem sal, passa por castelos retrógrados e termina em pirâmides, cúpulas e gotas de um orientalismo que nos faz sentir no reino de Ali Babá...



Fig.16: Casa em Alto Paraíso

Foto: Shiguemi Matsumiya



Fig.17: Casa em Alto Paraíso
Foto:Fred Monteiro

Os atrativos turísticos naturais também receberam nomes ligados ao universo esotérico, sobrepondo-se aos seus nomes de origem e conhecidos atualmente como Anjo & Arcanjo (cachoeiras), Jardim de Maytrea (paisagem), Sertão Zen (trilha), entre outros.



Fig.18: Placa de sinalização para cachoeiras Anjos e Arcanjos.
Foto: Shiguemi Matsumiya

No entanto, após algum tempo percebe-se que ali também existem os mesmos problemas encontrados nas cidades grandes, as mesmas tensões emocionais da modernidade. Embora com um custo de vida alto, semelhante aos índices de Brasília (cidade mais cara do país), a falta de emprego é grande e a remuneração salarial, em geral, é baixa. A maior parte das pessoas que mantém uma boa condição financeira (principalmente imigrantes), possui uma outra fonte de renda fora da cidade: uma pensão de ex-marido, uma aposentadoria, aluguel de imóveis em sua cidade de origem e coisas deste tipo.

A principal fonte de renda e trabalho é o turismo, que permite trabalhar ou montar negócios na área de hospedagem, agências de receptivo¹⁵, artesanato, bares e restaurantes. Porém, definitivamente Alto Paraíso não é um lugar com tantas oportunidades para ganhar dinheiro como se imagina ao chegar, quando se

¹⁵ São agências de viagens especializadas nos serviços de recepção do turista, como passeios locais, serviços de guia e transporte local.

percebe a grande quantidade de turistas que circula pela localidade em determinadas épocas do ano. Estabelecimentos comerciais abrem e fecham com freqüência, sem conseguir se equilibrar entre os períodos de baixa e alta estação turística.

As plantações de soja que crescem no entorno da cidade preocupam ambientalistas e moradores, pois é onde se gira altas quantias de dinheiro, mas é também onde se mais ameaça o meio ambiente, através do desmatamento e da poluição por agrotóxicos.

Desta forma, existe um índice médio de boa qualidade de vida não pelas oportunidades de trabalho, mas sim pela simplicidade que a cidade oferece e pelo hábito em adquirir produtos e serviços através de trocas e pagamentos pré-datados.

A crescente diferença social e econômica existente na cidade, ainda que em escala bem menor que nos centros urbanos, tem provocado um aumento nas ocorrências de roubos e furtos em residências e também nos atrativos turísticos, particularmente nos períodos de grande fluxo de visitantes. Mas isto é muito mais percebido pelos moradores, pois ao tomar como referencial outras cidades mais próximas das metrópoles, Alto Paraíso ainda é uma cidade pacífica, onde se dorme com portas destrancadas e janelas sem grade.

Existe um esforço inconsciente para esquecer o passado no imaginário local. Segundo Zumthor (1997), o esquecimento é tão constituinte da cultura quanto a memória e, assim, Alto Paraíso é um exemplo de como se dá esta dinâmica na prática: a cidade vive o presente e os planos de curto prazo, com uma expectativa oculta sobre um futuro descrito pelas profecias. Ressalto que esta é uma observação minha, formada a partir dos depoimentos que registrei, e não uma

opinião elaborada dos moradores locais. Sassá assim responde, indagado sobre o passado da cidade:

Na realidade, nossa história, nosso passado, ele é um pouco oculto, assim, né? A gente num tem muitos registros... [...] As pessoas que moravam aqui eram pessoas muito calados, muito fechados. [...] Meu pai nunca contou muito do passado, nunca quis contar muito sobre o passado dele ou o passado da região.

O passado da região é visto como um tempo difícil, pois está associado ao garimpo e a todos os aspectos vinculados a ele: degradação ambiental, alcoolismo e desestruturação familiar. Embora este passado seja comum aos moradores nativos, pertence ao lugar como um todo, está impregnado na sua história e deixa marcas até os dias atuais, como conta Patrícia, moradora há quatro anos:

Sabe, um dia estava conversando com um amigo meu daqui [também morador imigrante] e ele explicava que o garimpo deixa marcas culturais bem diferentes daquelas localidades onde a agricultura é a base econômica do lugar. Na agricultura, a relação com a terra é de troca, se aduba, planta, coloca água, suprimentos, colhe. As famílias sabem que precisam trabalhar para obter o que a terra dá, quanto melhor for o trabalho em grupo, mais a terra dá. Já no garimpo, o trabalho é muito individual. Tem até irmão que esconde o ponto de garimpo do outro irmão para que seja só dele com as pedras que achar. E só se tira da natureza, não se dá nada. Isto talvez explique um pouco da individualidade que existe aqui.

Como a maior parte dos moradores de Alto Paraíso são imigrantes relativamente recentes, as famílias, quando existem, geralmente são constituídas apenas pelo casal e filhos; inexistente a presença do antepassado. O vínculo com o lugar é estabelecido apenas pelo presente e por tudo aquilo que a região pode oferecer enquanto ali se permanece. Neste sentido, são freqüentes as críticas de moradores sobre a falta de envolvimento da população nos problemas sociais da cidade, como fala uma das moradoras que chegaram à cidade na década de 80, motivada por questões espirituais :

Eu acho que o pessoal de fora, cada um... porque isso aqui é uma terra de gente de todo lugar. A gente num tem tradição aqui, a gente num tem história [...] Os esotéricos acham assim, que eles são os escolhidos, que são os únicos que vão ser levados lá num sei pra onde [...] Então eles são superiores, eles são uma outra “categoria de gente”... Quer dizer, negócio de louco. Como é que você vai puxar essa pessoa desse ar que ela vive pra ela te ajudar ali no dia a dia? Eles vivem noutra. O pessoal da terra num tá nem aí pra nada porque não acredita em nada, a vidinha deles tá muito boa por lá. E fica assim...

As pessoas que chegam de outros lugares trazem consigo todas suas inseguranças pessoais, seus medos, suas dificuldades de relacionamento e suas insatisfações. Boa parte destes indivíduos não consegue se adaptar, pois ao mesmo tempo em que chegam na cidade buscando uma vida nova, não conseguem afastar velhos hábitos. Rosa recorda um dos grupos que chegaram na época da explosão das comunidades esotéricas na cidade:

Eles vieram de São Paulo, mas eles trouxeram todos os móveis, todas as comidas, todas as coisas. Aí todo o mês ia caminhonete em Brasília comprar as cacareca de coisa que eles tavam acostumados a comer. Então, na verdade, eles não tavam mudado de vida. Eles tinham mudado de local. Tanto é que depois eles voltaram pra cidade (São Paulo) e tão lá super bem, nunca mais quiseram saber de voltar pra cá ou de ir pra um outro lugar.

Mas estas pessoas também estão abertas ao novo, permitindo-se vivenciar experiências que dificilmente deixariam acontecer em suas cidades de origem, justamente por lá estarem atreladas à sua imagem social e familiar. Isso gera mudanças internas e, conseqüentemente, externas também, como é demonstrado nos depoimentos de imigrantes que conseguiram se estabelecer na região. Edilma, recifense e moradora desde 2001, fala:

Eu não tenho intenção de sair daqui, não. Só se receber um chamado pra ir pra outro lugar. Voltar pra Recife? Vou Nada, viver aquela vida de doido, com medo de ladrão, uma correria danada. As coisas aqui são difíceis, mas eu aprendi muito aqui com a espiritualidade.

Uma outra questão refere-se ao choque cultural e social que resultou das comunidades esotéricas que ali se instalaram, pois embora todas tenham se desfeito, muitos de seus integrantes permanecem como moradores da cidade. Ao mesmo tempo em que não existem traços de agressividade contra os esotéricos, estes são bastante criticados por chegarem com um maior poder aquisitivo e modificarem hábitos da região de forma individualista e vista como distante da realidade cultural local. São diferenciados de outros imigrantes pelo seu propósito na cidade, como argumenta Peter, ambientalista e morador há 22 anos:

*O esotérico é diferente dos imigrantes. Até então tinha imigrantes de pessoas, inicialmente, amantes da natureza como eu, que vim para morar na natureza. E depois, com esse papo apocalíptico, a mídia tomou conta do negócio do Parque [...]. O esotérico veio **fugindo** de um apocalipse, enquanto que, quem tava buscando a natureza, veio **buscando**. Então a pessoa fugindo é cega, é 'sai da frente que eu tô vindo!'. O buscador tá buscando, olha pros lado, vendo como é que é o negócio e tal.*

Convém ressaltar que muitos moradores da cidade também fazem uma diferença também entre esotéricos e espiritualistas.

No entanto, neste trabalho eu optei por considerá-los como um conjunto plural, de acordo com os interesses desta pesquisa. Assim como apresenta Amaral (2000), os dois conceitos se misturam, embora a autora não utilize o termo “esotérico” para se referir aos integrantes do movimento da Nova Era. Não é meu propósito, neste momento, realizar uma ampla discussão entre estes dois conceitos, embora seja importante apresentar as diferenças estabelecidas por grande parte das pessoas com quem tive contato em Alto Paraíso.

Os dois grupos – esotéricos e espiritualistas – se distinguem apenas no discurso elaborado ao se referir “ao outro”, e não por eles próprios. A diferença está muito mais na imagem que cada um passa de si, havendo, por boa parte dos

moradores, um sentido um tanto pejorativo dado aos “esotéricos”. Estes são tidos como pessoas que vivem uma prática espiritual própria, sem se envolver com os problemas da cidade, professando um discurso de base ambiental e religiosa, mas se contradizendo através de atitudes e comportamentos. Já os “espiritualistas”, por sua vez, vivem de acordo com o que acreditam e integram-se à dinâmica social da localidade, desenvolvendo trabalhos respeitados, normalmente assumindo princípios de valorização ambiental e humana. A distinção é, portanto, local, subjetiva e sutil, centrada no julgamento individual acerca do comportamento de cada indivíduo e não sobre o todo. Sassá fala da sua idéia sobre o esotérico, que salienta a questão da participação social na cidade:

Tem vários conceitos de esotérico, né? Então muitos deles vinham pra cá e nem tinham o prazer de conhecer um banho de cachoeira. Muitos queriam ficar confinados, muitos grupos vieram pra cá e ficavam trancados dentro do hotel, dentro da pousada onde estavam hospedados e não saíam [...]. Mas em compensação muitos outros aqui vieram com o intuito de eh... também se re-energizar e, dentro das atividades, um banho de cachoeira.

O esoterismo está extremamente presente no turismo, no cotidiano da cidade e faz parte de sua identidade, como é fácil perceber através dos nomes dados aos empreendimentos turísticos: Renascer na Luz, Camino de Santiago, Alfa e Ômega, Recanto da Grande Paz, Camelot Inn. Existe, portanto, uma sugestão sobre o esoterismo exposta para os turistas, sejam estes céticos ou não. Um exemplo desta relação é assim apresentada por Rosa, que também trabalha como guia local:

Tem gente que já chega querendo saber tudo, tudo do esotérico. Tem gente que num gosta de esotérico, num quer ouvir falar. Aí esse pra mim é o desafio, aí eu gosto. [...] Mas aí, acontece assim: eu gosto de fazer um passeio que é pro Poço Encantado, que é um passeio que eu chamo de “esotérico”. Então eu gosto de ir na mina de cristal, levo lá, depois eu passo ali onde tem a energia do chackra cardíaco. Aí eu falo pra eles que a propaganda fala assim que Goiás é o coração do Brasil e realmente o estado tá bem no centro do país e que tem esse lugar e que ali fizeram vários rituais e que dizem que é o lugar que tem a energia do coração do

planeta e do Brasil. Então é um dado que você dá, mas que você num tá falando de esoterismo, né? [...] Aí tem lá o Paralelo 14, onde tem as pedras e o Jardim Zen e... [...] aí você vai conversando e falando de coisas, contando, né, falando do Cara Preta ali (o morro), mostro a nascente do rio [...] quer dizer, você vai misturando. Eu vou misturando as coisas e... eu falo das planícies, do sonho de Dom Bosco...



Fig.19: Comemorações do Vesak¹⁶ em curso com participação de turistas e moradores Locais, realizado na Pousada Renascer na Luz.
Foto: Shiguemi Matsumiya

O naturalismo está presente na alimentação vegetariana, seguida por muitos moradores e em contradição com os hábitos alimentares goianos, onde é grande o consumo de carne vermelha e da caça. A natureza também se apresenta nas casas, onde o cultivo de plantas é valorizado e dá um charme todo especial às ruas da cidade. Não basta morar em meio a uma natureza exuberante; é preciso trazê-la para dentro de casa, cuidar do jardim, um hábito trazido pelos imigrantes locais.

Alto Paraíso permite aprofundar uma visão macroscópica de tantos outros lugares do mundo quanto do próprio ser humano e seus conflitos internos, assim

¹⁶ Conforme me foi informado, o Festival de Vesak é comemorado na lua cheia do mês de maio, em celebração do dia da iluminação de Buda.

como propõe Rosnay (1995). Embora o lugar tenha sua conotação espiritual sagrada, um olhar mais aproximado do micro, do humano, traduz uma realidade infinitamente complexa de sistemas que ali coexistem e interagem simultaneamente.

Ao mesmo tempo em que se valoriza a simplicidade, a natureza, a quietude e a vida em comunidade, luta-se o tempo todo contra as mesmas aflições que dominam os moradores dos grandes centros urbanos e da civilização ocidental: a falta de emprego, o aumento da violência, a desestruturação familiar, a insegurança afetiva e os jogos de poder. E as relações se dão sobre estas bases, constituindo um interessante exemplo da relação entre o universal e o particular (Morin, 1979). Também com relação aos problemas sociais da cidade, existe a presença da dimensão espiritual na percepção deste contexto, como explica Isabel:

Isso tudo é polaridade, tá? Eh... você vê na Índia assim, ó, [...] é um lugar que tem tantos iogues, tanta espiritualidade, e que tem tanta miséria. Sempre existe as duas polaridades. Então, a violência, a história do roubo é uma contaminação planetária [...]. E ninguém vê isso como doença planetária [...]. A droga é outro vírus bem grande [...]. Onde há luz há sombra e onde há luz, há tentativa de que a sombra seja maior... tem que trabalhar com isso com naturalidade.

Como em tantos outros lugares e pessoas que tiveram seus caminhos desviados por conta de catástrofes naturais, Alto Paraíso hoje apresenta um sentimento próximo da impotência em relação ao controle sobre a natureza e o homem, como também seu próprio destino. Entre os esotéricos, existem diversas causas para o lento desenvolvimento econômico da cidade, como explica Rosa, indagada sobre o pensamento – comum na cidade - de que o plano espiritual direciona o que ali acontece:

As pessoas que vivem aqui são, na sua maioria pessoas que vieram de Atlântida... pessoas que têm um resgate muito grande pra cumprir (fala-se aí de resgate cármico) [...] todas têm a ver com Atlântida e

com o fato de Atlântida ter se destruído, tem os cristais arquivistas, os cristais de Atlântida e essas histórias todas. Então, eu vejo por aí essa coisa e vejo um lado de miséria, sabe? Assim, um padrão de miséria e que as pessoas se chegam nesse padrão... Você vê, aqui é um lugar exuberante de tudo, farto, próspero, a terra, né, o lugar... E as pessoas é que trazem isso. Tanto é que elas gastam tudo que trazem e vão embora sem nada ou então vêm e ficam assim nessa história... Porque também, no Calendário Maia, Alto Paraíso é noite¹⁷. Noite é introspecção e prosperidade. Quer dizer, se você tiver na sombra daquilo que você é, você fica vibrando a sombra que é essa coisa... Mas essa coisa de miséria a gente vê muito forte, inclusive em algumas pessoas aqui... Mas eu acho que aqui, o lugar, é muito próspero sim.

Seguindo o pensamento de Atlan (s/d), isso mostra, nas atitudes pessoais dos moradores, o eterno conflito entre não-acaso/responsabilidade e acaso/intervenção humana; sendo este um aspecto importante no dilema entre Ciência e Religião. Enquanto a Ciência considera a responsabilidade do homem no controle de sua trajetória, a Religião volta-se para a frágil capacidade de intervenção humana no acaso, ou sejam naquilo que é determinado pelo plano espiritual.

Tudo o que foi planejado na cidade e executado sofreu intervenções que destruíram uma trajetória ascendente. Posso dizer que esta trajetória hoje é uma espiral (Morin, 1979); a vida de Alto Paraíso muda de acordo com ciclos de proporções e características diferentes. Para alguns esotéricos da cidade, o lugar passou por vários ciclos, sempre retornando ao caminho determinado pela espiritualidade, como fala Isabel:

O ritmo (de crescimento da cidade) é outro, porque a espiritualidade não deixa, neguinha! Porque, na verdade, se tenta desesperadamente! Tem uma turma que tenta mudar, pensa numa coisa grande pra cá e a espiritualidade, pau! Vem uma febre amarela e acaba com tudo.

¹⁷ Segundo o Calendário Maia, cada pessoa ou lugar tem seu selo próprio, que lhe dá características específicas, assim como os signos do zodíaco na Astrologia. “Noite” é um dos selos deste calendário.

Outros conceitos se perdem: caro e barato, moderno e antigo, o tempo, a busca por uma vida “mais natural”. Num lugar onde a procura pelo êxtase é constante, as contradições da natureza humana afloram de um modo muito intenso. A solidão, as frustrações pessoais, a busca pelos prazeres imediatos, o grande trânsito de pessoas de origem dos grandes centros urbanos (principalmente Brasília e São Paulo), assim como a falta de trabalho são causas de um alto consumo de drogas, incluindo substâncias químicas, como *extasy*. Por ser uma cidade pequena, tal problema se manifesta com maior intensidade, embora ainda seja considerado por muitos como uma consequência natural do “desenvolvimento” da localidade.

Ainda assim, com todas as transformações que a região sofreu através de imprevistos e as constantes ameaças contra seu patrimônio natural, a cidade se constrói bravamente. A auto-regulação dos seus sistemas é marcante e produz resultados inesperados, inconscientes e de uma enorme riqueza de material humano, reforçando a idéia deste processo defendida por Morin (1979) e Rosnay (1995).

A sustentabilidade ambiental é um ideal ainda não alcançado, mas com referências bastante positivas em relação à grande diversidade de grupos humanos que ali chegam. Espiritualidade, necessidades materiais e experiências pessoais de vida compõem um conhecimento popular complexo e moldam um comportamento singular frente ao ambiente natural. São as próprias dificuldades do ambiente – natural e humano – que facilitam a preservação da natureza, sendo isto, sem dúvida, uma das peculiaridades do local. Em outras palavras, o que prevalece em Alto Paraíso é sua tendência para uma situação mais próxima da

sustentabilidade ambiental, embora o equilíbrio ecológico seja extremamente facilitado pelos conflitos humanos e pelas dificuldades de crescimento econômico.

Se este conhecimento poderá ser usado para a ação, como propõe Rosnay (1995), ainda não se pode afirmar com certeza; mas o que toca o íntimo dos que ali chegam é a possibilidade de ver refletido numa dimensão menor (e não menos intensa) a esperança, os prazeres e as inquietações de todos os povos.

4.3. Cristal, água, terra e céu em Alto Paraíso

A fama de cidade esotérica atribuída à Alto Paraíso se manifesta na simbologia presente em diversos elementos da natureza e seu significado transcendente.

Não procuro aqui fazer uma análise detalhada destes significados, mas sim apresentar os sinais percebidos em campo da interlocução entre o homem e o sagrado através da natureza. Embora isto não seja exposto objetivamente na elaboração do discurso dos moradores da cidade¹⁸, tive diversas oportunidades de participar de atividades ou momentos em que a presença de alguns elementos da natureza – cristal, água, terra e céu – era clara e valorosa, estando cada um destes em constante interação com os outros.

Um deles, o cristal, está relacionado à própria constituição geográfica da cidade. Ela está localizada sobre uma área de grande quantidade de cristal de

¹⁸ Esta idéia é denominada por Durand (1997) como “subtexto” ou “discurso implícito”: embora os valores e conceitos de uma sociedade não estejam expostos diretamente em seu discurso, eles estão presentes claramente nas atitudes, gestos e atividades cotidianas.

quartzo, sendo informado por alguns moradores que esta é uma das regiões mais brilhantes do planeta quando vistas por satélite. Encontrado em abundância na região, o cristal é um dos principais *souvenirs* ofertados aos turistas, sendo facilmente visto na decoração das casas, dos estabelecimentos comerciais e também espalhados naturalmente entre trilhas e cachoeiras.

De um modo geral, o cristal é um mineral potencializador de energia e, por isso, usado em computadores e máquinas de precisão tecnológica. Ele tem a característica de absorver e emanar energia para o ambiente onde se encontra, podendo ainda ser usado como um condutor de precisão para algum objetivo mais específico (Raphaell, 1987).

Do ponto de vista simbólico, as pedras e, conseqüentemente, os cristais apresentam um conjunto de representações e significados que estão relacionados à sua natureza perene. Para Eliade (1992:129), a pedra

impressiona o homem pelo que tem de irredutível e absoluto, desvendando-lhe, por analogia, a irredutibilidade e o absoluto do Ser. Captado graças a uma experiência religiosa, o modo específico de existência da pedra revela ao homem o que é uma existência absoluta.

Em Alto Paraíso, esta analogia concentra a essência de muitas experiências místicas onde a transformação se dá através de uma percepção transcendente do próprio ser, tendo o cristal como elemento fundamental neste processo.



Fig.20: Pentagrama feito de cristal no Raizama, atrativo turístico local.
Foto: Shiguemi Matsumiya

Ressalto que esta característica de irredutibilidade das pedras despertam atração no homem desde o início dos tempos, traduzindo uma existência pura, livre de emoções e sentimentos humanos, como um sinal do eterno e do inalterável (Franz, 1998). Tal atração perdura até os tempos atuais, sendo comum entre os viajantes o hábito de apanhar pedras e levá-las consigo, numa espécie de desejo da continuidade de sua relação com aquele espaço físico. Desta forma, diferente do que acontecia até meados de 2001, quando conheci a Chapada dos Veadeiros, os turistas de hoje são firmemente orientados a não pegarem cristais das trilhas, já tendo sido esta uma prática que levou a uma pequena diminuição (porém significativa) no número de exemplares destes minerais.

Por sua natureza, o cristal em especial, é um dos minerais mais presentes dentro do universo esotérico. Feita de substâncias similares à poeira cósmica, as

pedras guardam o segredo do céu, sendo reflexo um do outro. Sobre este aspecto apresentado por Bachelard (1991:230-231), o autor afirma que:

as gemas são as estrelas da terra. As estrelas são os diamantes do céu. Há uma terra no firmamento; há um céu dentro da terra [...] Trata-se realmente de uma correspondência material, de uma comunicação de substâncias.

Já Franz (1998:209) argumenta que:

a disposição de precisão matemática do cristal desperta em nós o sentimento intuitivo de que mesmo na matéria dita 'inanimada' existe um princípio de ordenação espiritual em funcionamento. Assim, o cristal simboliza muitas vezes a união dos extremos opostos – a matéria e o espírito.

Ambas exposições citadas anteriormente, por aproximarem o universo simbólico da disposição da matéria, cientificamente verificável, encontram eco numa das principais características do movimento esotérico atual, que é a interlocução entre ciência e espiritualidade.

Para os esotéricos e espiritualistas, o cristal é um instrumento bastante poderoso para vários fins, incluindo seu uso como instrumento de cura, de meditação, de aprendizado e de mentalização. Usado na frente das casas ou na sua entrada principal, o cristal é empregado para a limpeza de qualquer fluido energético indesejado ou inadequado para o ambiente que pretende ser mantido. Para a Bachelard (1991:236), as pedras preciosas são tidas pelo homem como capazes de concentrar toda a força de sua vontade:

Tudo o que um homem pode almejar: saúde, juventude, amor, clarividência, existem pedras preciosas para realizar suas aspirações. Um cristal traz sorte, um cristal faz amar, um cristal preserva dos perigos. Assim o cristal apresenta-se como uma espécie de talismã natural [...].

Embora Bachelard apresente uma conotação mística de poder para o cristal, seu uso e a relação que muitos moradores têm com esta pedra vão além de seu uso como amuleto. Aos chamados “cristais mestres” são atribuídas propriedades

educativas; de acordo com Raphaell (1987:23) eles são dotados do poder de repassar conhecimentos antigos sendo

[...] mensageiros dos céus e mestres na lei divina. Alguns são implacáveis no desnudar a escuridão das atitudes e identidades egocêntricas; enquanto outros servem para construir uma comunicação consciente com as regiões do Eu superior.



Fig.21 : cristal mestre, assim identificado por suas marcas naturais.

Rosa, moradora da cidade, me apresentou com a foto anterior e me mostrou vários cristais deste tipo, explicando o uso destes cristais:

Esses cristais são da natureza, né? E as pessoas encontram eles e às vezes eles levam pra alguma pessoa, algum vidente e o vidente fala alguma coisa do cristal. E esse cristais arquivistas têm o arquivo mesmo. [...] Eles têm uns triângulos (que os identifica).

Embora possa parecer estranho para aqueles que não conhecem de perto esta linguagem, estas idéias são extremamente comuns dentro do movimento esotérico, fazendo com que a maior parte das pessoas que chegaram em Alto Paraíso a partir da década de 80 afirmassem que a presença de uma grande

quantidade de cristal de quartzo em baixo da terra fosse um dos elementos responsáveis pela transformação vivida por muitas dos seus visitantes.

Os cristais que se encontram no subsolo e na superfície da cidade estão ali há milênios (ambientalistas locais contam que aquela é uma das regiões mais antigas do planeta) e trazem, portanto, uma memória ancestral (Sheldrake, 1991). A forma e alguns traços encontrados em cristais da natureza, nunca antes lapidados, evocam características para cada pedra.

A importância do cristal está presente nos vários relatos de visitantes que mudaram algo importante em sua vida depois que estiveram na cidade, mesmo que por apenas alguns dias. Afirma-se que o lugar tem a capacidade de intensificar as sensações e aumentar a consciência, fazendo com que as pessoas consigam enxergar de forma mais clara e verdadeira as áreas de sua vida que precisam ser modificadas. São histórias de encontros, fins de casamento, mudanças de profissão, alterações em hábitos alimentares e profundas transformações internas. Uma moradora do Recife conversou comigo antes de minha partida para Alto Paraíso:

Tu vai pra lá? Esteja preparada pra mudar... aquele lugar tem uma coisa que faz a gente enxergar as coisas na nossa vida, sabe? É lindo lá... [...] Quando eu fui, passei só uma semana, mas mudei completamente. Quando voltei, só não acabei meu casamento no mesmo dia porque estava muito cansada. Mas no dia seguinte me separei; meu marido não entendeu nada.

Compartilhando este espaço sagrado com o cristal, a terra em Alto Paraíso também é cercada de mistérios, pois é o seu interior que guarda estes minerais, assim como é também no subsolo que se esconde “o néctar da terra” do qual falava Dom Bosco. É embaixo e sobre a superfície da terra que estão os cristais, atuando na condução energética do lugar. Na alquimia universal, a terra é a “mãe das pedras preciosas, regaço onde o cristal amadurece em diamante” (Durand, 1997:231).

Assim, o aspecto feminino da terra, caracterizado pela função materna - criadora e nutridora - é percebido em Alto Paraíso não apenas por sua ligação com os cristais, mas também como um elemento que se oferece de berço para outras riquezas da localidade.

A terra é percebida como fonte de vida enquanto oferece seu solo para o pequeno plantio de alimentos e de plantas medicinais; da terra brotam as flores do cerrado e a vegetação retorcida que compõem a paisagem numa beleza peculiar, que mistura sofrimento e delicadeza.



Fig.22: Paisagem com uma das muitas árvores retorcidas do cerrado.

Foto: Antônio Gonçalves.



Fig.23: Uma das variadas espécies de flores delicadas do cerrado.
Foto: Fred Monteiro

A terra é mãe fecunda, gera e nutre a vida; a terra é lugar de nascimento e lugar de retorno após a morte de cada ser vivo sobre o planeta (Eliade, 1992).

A divina maternidade da terra é uma das crenças mais antigas, consolidada pelos mitos agrários e também considerada por Durand (1997:230) como um aspecto universal, encontrando sinais em diversos lugares mundo:

A prática de dar à luz sobre a terra difundida na China, no Cáucaso, entre os maori, na África, na Índia, no Brasil, no Paraguai, tal como entre os antigos gregos e romanos, permite afirmar a universalidade da crença na maternidade da terra.

Dentro do universo de contradições existentes em Alto Paraíso, o lugar também comporta esta crença, mas lá a terra é mãe e gera vida do mesmo modo que suas características naturais também impõem limites para produzir grandes riquezas financeiras. Embora nos arredores da cidade existam extensas plantações de soja que ameaçam a preservação dos recursos naturais, o solo pedregoso e seco

limita o seu uso, dificultando qualquer tentativa de tirar dali mais do que o necessário para a sobrevivência. Sob um outro aspecto, as próprias limitações do solo para a agricultura levam à procura por uma atividade mais menos agressiva ao ambiente, como explica Sassá:

Nós temos uma grande vantagem: além de estarmos em cima de um lençol, um enorme lençol freático, a gente tem a vantagem de ter uma região, dentro do município de Alto Paraíso principalmente, de acidente geográfico muito grande e muito pedregoso o solo. O que não acontece em São João da Aliança, por exemplo (município vizinho). São João da Aliança tem terra muito mais plana e muito, muito fértil. Que acontece? O fazendeiro vai lá, enfia a máquina, enche de agrotóxico e joga soja no terreno. Aqui [...] isso é muito, muito difícil acontecer. E por estarmos em cima de um grande lençol, agente corria sérios riscos de contaminar essa água [...]

Desta forma, a terra não é só um elemento passivo que gera vida, mas também é a mãe que “educa” seus filhos e limita suas ações, impondo respeito na relação com os mesmos.

Para quem chega na cidade, a aproximação direta com a terra é normalmente iniciada através das trilhas. Os caminhos que levam às cachoeiras impõem a força do caminhar; pés e chão colocam o homem em contato maior com a terra e os perigos e belezas que ela oferece.



Fig.24: Turistas em trilha.

Foto: Fred Monteiro

Este movimento reforça a importância da relação homem-terra, numa resignificação desta ideia, presente entre nós, seres humanos, desde os primeiros grupos que habitaram o planeta (Morin, 1979). Mas o contato mais íntimo entre a terra e o corpo é realizado através dos banhos de argila. Suas propriedades curativas permitem o tratamento de diversos tipos de problemas de pele, inchaços e edemas, além de ser utilizada também para tratamentos estéticos e como ativadora da circulação sanguínea.



Fig.25: Tratamento com argila feito na natureza, próximo à cachoeira.

Foto: Shiguemi Matsumiya

Extraí-se a argila de determinados locais¹⁹ e realiza-se a aplicação em áreas próximas às cachoeiras, de modo a facilitar sua retirada do corpo. Terra na pele, esquentando, endurecendo, removendo as células mortas, amaciando, renovando. O que é uma prática entre os moradores, alia-se a outras técnicas terapêuticas – como massagem e meditação – e torna-se um grande atrativo turístico. Mais uma vez os recursos naturais são retirados e devolvidos à natureza; ela os empresta, água para lavar a terra. Desse processo, levam-se apenas os resultados que ficaram no corpo e na alma, surgindo então mais um elemento de grande importância simbólica em Alto Paraíso: a água. A região abriga o maior manancial de água potável do mundo, possibilitando que algumas casas na Vila de São Jorge tenham água própria para consumo em suas torneiras.

Assim como em muitos outros lugares do planeta, a água compartilha com a terra o arquétipo da maternidade. Para Durand (1997:230), existe uma pequena diferença entre o aspecto materno da água e da terra:

As águas encontrar-se-iam 'no princípio e no fim dos acontecimentos cósmicos', enquanto a terra estaria 'na origem e no fim de qualquer vida'. As águas seriam, assim, as mães do mundo, enquanto a terra seria a mãe dos seres vivos e dos homens.

Estando menos próxima da dimensão humana, o aspecto materno da água em Alto Paraíso não se manifesta tanto quanto o da terra na relação simbólica entre o homem e seu ambiente. Na cidade, as águas não deixam de adquirir características femininas (como a pureza), mas estão mais próximas da figura de Iansã das Cachoeiras, como explica Saraceni (2003:84):

A seu respeito, pouco pode ser revelado, porque ela age através da força da água na Natureza. Ela distribui aos Eguns o fluido que sacia sua sede por clemência diante da Lei, e os purifica antes de

¹⁹Segundo me foi explicado, muitos terapeutas de Alto Paraíso trabalham com argila, procurando extraí-la de locais onde a presença de cristais seja abundante, de modo que ela seja beneficiada com o poder de potencialização energética dos cristais.

encaminhá-los aos seus planos. [...] o magnetismo da queda d'água beneficia a quem souber captá-lo.

As cachoeiras e os rios da cidade representam sua principal fonte de renda no turismo, atraindo visitantes e possibilitando a aproximação com uma natureza forte, exuberante e capaz de provocar um silêncio interno, talvez nunca antes experienciado.

Existem cachoeiras de todos os tipos, desde pequenas quedas d'água até cachoeiras de 120m de altura, todas com uma temperatura bem baixa, o que torna os banhos um verdadeiro desafio para o corpo. Existem aquelas com um pequeno poço em baixo, outras com imensas piscinas; algumas de acesso fácil, outras onde só se chega através de longas caminhadas e por trilhas acidentadas.



Fig.26: Cachoeira Almécegas

Foto: Fred Monteiro

Alguns locais por onde passam os rios da região escondem perigos e belezas, como o Vale da Lua. Não é à toa que este é um dos atrativos mais famosos

e visitados da região. A força do Rio Preto esculpiu, durante milênios, formações rochosas singulares. Não existe sequer uma cachoeira neste lugar, apenas algumas quedas d'água, que entram e saem por pequenas grutas e crateras, formando piscinas e banhos com hidromassagem natural. A trilha para se chegar ao Vale da Lua é de fácil acesso, possibilitando a visita de pessoas mais velhas e com um menor preparo físico.

No entanto, este é o local com maior número de acidentes fatais na região. A diminuta altura das quedas d'água esconde uma correnteza forte que, devido ao tipo de formato curvilíneo das rochas, provocam verdadeiros redemoinhos em pequenas piscinas que não aparentam qualquer risco. Cair num destes locais é como ser sugado para o fundo, sem grandes chances de sobrevivência, tamanha a força da água. A força da água é assim descrita por Seu Corinto:

Aqui tem muitos lugares perigosos [...]. Você já foi no Vale da Lua? No Vale da Lua, naquele poço que tem, já foram embora sete pessoas ali. Chega ali, acha bonito e pulam lá dentro. Ali tem um chupão que chupa, primeira coisa que você bate na pedra é o crânio. Bateu, pam! E lá se engancha e fica lá. Mas a água é tão forte que tinha o pessoal do Corpo de Bombeiros com aqueles escafandro... e quem disse? Nem com escafandro foi lá. Tiveram que ir em Brasília com aqueles aparelho de guincho pra ir lá tirar os cadáveres. [...] A água é tanta... ó, aquele rio de água passar numa valeta assim? A velocidade é muito grande...

Os esotéricos da região, incluindo alguns videntes, afirmam que o Vale da Lua (assim como outros locais da região onde aconteceram acidentes trágicos), foi um lugar utilizado para rituais de sacrifícios humanos, realizados há milênios, ainda em civilizações antigas.



Fig.27: Vale da Lua

Foto: Fred Monteiro



Fig.28: Vale da Lua

Foto: Fred Monteiro

As forças que regeram aqueles rituais permaneceriam ali, numa dimensão menos intensa, mas ainda presentes, influenciando na atmosfera e nos acontecimentos da região. Este fato chama atenção para as pesquisas sobre

ressonância mórfica apresentadas por Sheldrake (1991). De acordo com este biólogo, cada organismo, mineral ou espécie sobre a Terra possuiria seu próprio campo morfogenético, que corresponde a campos invisíveis de influência, mas ainda desconhecidos pela física. De acordo com a hipótese da causação formativa, cada campo contém uma espécie de memória coletiva, à qual cada membro daquela espécie recorre e contribui, desenvolvendo um processo evolutivo onde a frequência de padrões aumentará proporcionalmente a probabilidade com que este venha a ser adotado. A ressonância mórfica seria, portanto, “a influência do semelhante sobre o semelhante através do espaço e do tempo”. (Sheldrake 1991:114-116).

As histórias que envolvem o possível passado de lugares como o Vale da Lua e do Cânion 2, localizado dentro da área do Parque, remetem moradores e esotéricos a uma percepção não apenas sagrada destes lugares, mas da presença de forças que ainda estariam em processo de transmutação e influenciando - no presente - as atividades ali realizadas, despertando sentimentos e experiências individuais nas pessoas que os visitam, incluindo alguns acidentes fatais. Téia, moradora nativa da Vila de São Jorge, conta:

Eles vieram para cá [um dos grupos de esotéricos] porque eles falam que aqui foi a Atlântida, né? E lá no cânion [um dos atrativos do Parque], foi exatamente no cânion onde aconteceu todas as coisas e tudo... E tem aquela história, que eles ligam, daquele guia que morreu com a menina de doze anos, a francesa. Diz que ali naquele local tinha eh... tinha sacrifícios eh... houve sacrifício de um monge com uma virgem. E eles associam esse fato a essa pessoa. Porque ele veio com esse movimento também [...]. Até antes dele morrer, ele já tinha abdicado de tudo na vida dele, sexo, carne, tudo. Você olhava pra ele, você não via ele assim como... tinha corpo físico e tudo, mas parece que ele num era mais aquela pessoa pecaminosa, sabe? [...] Então quando aconteceu o acidente, eu me lembrei muito, porque quando essa moça me contou, assim, foi cinco anos antes! [...] Então eu não duvido dessas coisas.

E esta é uma entre as diversas percepções que esotéricos, ambientalistas, turistas e moradores têm do lugar. Como todo recanto da natureza em Alto Paraíso,

a vida emana beleza, atração e mistério; os planos material e espiritual estão enlaçados e oferecem um cenário realmente transformador.

Cada cachoeira, cada pedaço de rio tem sua identidade; em todas é fácil sentir a força da natureza e, conseqüentemente, a vontade do desafio. Não o desafio de vencê-la, mas de ser igual, de compartilhar, de se fundir a ela, de absorver a amplitude, em tamanho e força. A água simboliza morte e renascimento; a imersão equivale a uma dissolução, enquanto a emergência representa a manifestação cosmogônica da forma; “o contato com a água implica sempre um processo de regeneração” (Eliade, 1992:110).

Durand (1997:226) lembra que “em numerosas mitologias o nascimento é como que instaurado pelo elemento aquático: é perto de um rio que nasce Mitra, é num rio que renasce Moisés, é no Jordão que renasce Cristo”. É também pelas águas de Alto Paraíso que muitos chegam nesta busca por um processo de renascimento e reconstrução de seus valores.

Ali, a água não oferece alimento; os poucos peixes que existem são de pequeno porte e concentram-se apenas em alguns trechos dos rios, muitas vezes de difícil acesso. Ela oferece sua beleza, sua força e nada mais, o que não é pouco; todas estas características contribuem para a formação do sentido de sacralidade dado ao local.

Por fim, um elemento de igual importância é o céu de Alto Paraíso. A pouca luminosidade artificial da cidade e da região – bem menor que o normal – permitem que o céu seja contemplado em toda sua vastidão, com milhares de estrelas e alguns planetas visíveis e curiosamente brilhantes. Em algumas épocas do ano, a grande quantidade de relâmpagos e seqüências de trovoadas (que chegam a durar

horas) oferecem um espetáculo à parte, despertando um medo primitivo, mas que também atrai e encanta.



Fig.29: Céu de Alto Paraíso

Foto: Antônio Gonçalves

O céu existe em Alto Paraíso para ser contemplado por vários motivos. Para Eliade (1992:100):

a simples contemplação da abóbada celeste é suficiente para desencadear uma experiência religiosa. [...] A transcendência revela-se pela simples tomada de consciência da altura infinita. [...] É uma tomada de consciência total.

Na região, este processo de transcendência através da contemplação é facilitado e até mesmo induzido pela grande oferta de fenômenos naturais, como a observação de estrelas cadentes, que chama a atenção e é atrativo turístico para todos, moradores e visitantes.

A ausência de edifícios e as características geológicas da região embelezam também o pôr do sol e o nascer da lua cheia, que têm direito a um lugar especial para sua observação: a pista de pouso que serviria o aeroporto que nunca chegou a

ser concluído. É ali que turistas terminam seu dia de caminhada, que moradores fazem seus exercícios diários, que espiritualistas realizam rituais de saudação ao sol e à lua.

Ao cair da tarde, o céu também serve de cenário para os vôos de araras e tucanos, assim como para eventuais arco-íris. Com toda essa beleza, olhar para o céu em Alto Paraíso é um hábito freqüente, até porque também é nele que ocorre um dos fenômenos mais curiosos da região: o avistamento de OVNIS.

É surpreendente o grande número de pessoas que relatam experiências de observação de luzes estranhas no céu, de crianças a idosos, de nativos a imigrantes, de indivíduos que torcem para ver um disco voador a outros que não acreditam no fenômeno. A suposta existência de discos voadores sobrevoando o céu de Alto Paraíso é um assunto freqüente, discutido com bastante naturalidade pela maior parte da população. Lembro de um comentário de um guia de turismo:

Eu costumo dizer que vejo ET na rua toda hora, disco voador, não. Falando nisso, eu até fui no aeroporto anteontem de noite e vi uma luz muito estranha. Ela passou do lado assim, aí depois desapareceu, apareceu, desapareceu, apareceu de novo. Eu tava comuns clientes, não queria mostrar porque... se não eles iam pirar. [...] Mas era uma luz muito esquisita e não era nada demais...

A ocorrência de luzes fortes, que chegam a acompanhar carros nas estradas, é antiga e explicada entre os garimpeiros como a mudança do ouro de lugar. Eles contam que o ouro que existe sob a terra está sempre mudando de lugar e, por isso, a dificuldade para o homem em achá-lo, conforme conta Seu Corinto:

Essas luzes é ouro que tá mudando de um lugar pra outro. Porque o ouro muda, ele sai de uma serra e vai pra outra. Eu sei disso desde menino. [...] E num sei qual é a origem da natureza que ele muda. Vai pelo ar... é uma faixa bonita, essa mesma faixa, grande assim, ó. É uma tochona e some... É tanto que eu acredito que aí no Parque tem ouro, só que a gente não explora porque o Parque num deixa e a gente num sabe onde é.

Durante esta mudança, sua luz é refletida no céu e vista por muitas pessoas.

Uma das moradoras de São Jorge, nascida no povoado, conta:

Isso aí num é lenda, não, é verdade. Uai, eu mesma já viu uma, não bola de fogo, não sei se é bola de fogo, não. Eu já vi luzes, né? Assim, eu não vi muito, eu vi duas vezes, em dois pontos diferentes. Só que eu não gosto de comentar isso porque o povo acha que a gente é loco, né? Mas o povo antigo fala que é por causa do cristal. Os esotéricos diz que é disco voador, eu não sei o que é, mas isso num é lenda, não, é verdade, é fato. Todo mundo aqui já viu. [...] Quando a gente era criança, se a gente via, a gente morria de medo, porque a gente pensava que era outras coisas [...].

Já aqueles que não acreditam nem em discos voadores (nem na mudança do ouro), afirmam que tais avistamentos são resultado da imaginação e sensacionalismo da mídia, como também do uso de entorpecentes e alucinógenos. Atribuem ao fenômeno mais um aspecto negativo da cidade, pois acreditam que a fama esotérica de Alto Paraíso é muito mais prejudicial do que benéfica ao seu desenvolvimento, uma vez que é associada à alienação e bobagens.

Entre os muitos que aceitam com naturalidade a existência de discos voadores extraterrestres, o fenômeno é visto com um misto de cautela e euforia, sendo necessário muito cuidado com quem, quando e o que falar sobre o assunto. No entanto, uma opinião sobre o avistamento de OVNIS é comum a todos: hoje, já não existem tantas aparições quanto há até alguns anos atrás. Também para o céu é um tempo de espera, de pausa, de transformação.

Simbolicamente, Durand (1997) associa o céu à soberania; o céu é a moradia dos deuses e é de lá que todos são observados. Este aspecto ascensional, segundo o autor, é característico de povos cuja cultura é predominantemente heróica. O monarca que habita o céu assume características de paternidade, de dominação e de heroísmo. Embora o discurso fale que a espiritualidade que governa Alto Paraíso está em todos os lugares (assumindo também as características de pai,

dominador e herói), num outro plano dimensional, é para o céu que os olhos são levados ao remeter-se a ela. É para o céu que se fala ao pedir algo, é para ele que as indagações são feitas.

Cristal, terra, água e céu em Alto Paraíso são elementos que nunca estão dissociados; qualquer trilha, qualquer cachoeira ou paisagem possui, pelo menos, três destes elementos, integrados e harmoniosamente distribuídos. As divindades estão presentes e se manifestam neste equilíbrio, na vida que brota desta união; o sagrado é vivo, transformador, atuante. O homem encontra o Deus que habita em si quando aproxima-se da natureza na sua forma mais pura, com todas suas belezas e limites, seus perigos e fascínios. Para este encontro, na Chapada dos Veadeiros, é preciso coragem, disposição física, respeito e, sobretudo, vontade; alguns sentimentos antigos morrem, outros aparecem. Assim como fala Morin sobre a “vida que nasce da morte”, assim como flui o ciclo mágico da natureza, onde tudo é finito, mas guarda a eternidade da vida que se recicla a todo instante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além disso, não temos nem mesmo de correr o risco da aventura sozinhos, porque os heróis de todos os tempos já fizeram tudo antes de nós. O labirinto é inteiramente conhecido. Temos apenas de seguir a trilha deixada pelo herói, e onde pensávamos encontrar a maldade, encontraremos um deus. Onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Quando pensávamos viajar para o exterior, chegaremos ao centro. E onde imaginávamos ficar sozinhos, estaremos de fato com o mundo interior.

Joseph Campbell

A busca por uma situação de desenvolvimento sustentável não cabe como um ponto a ser conquistado, mas como um processo contínuo e dinâmico que, de acordo com Morin (1979), é marcado pela alimentação de novas fontes de desordem necessárias à constituição da ordem. Por se realizar através dos valores e símbolos de cada localidade, impossibilita a formatação de um modelo único, dificultando a simples aplicação de técnicas que não consideram os elementos subjetivos de uma sociedade.

A relação do homem com sua dimensão espiritual, como assegura Eliade (1992), é um fator determinante neste processo, ainda que ofereça amplas possibilidades, tanto de sucesso quanto de fracasso. Viver esta espiritualidade no cotidiano não é fácil, principalmente porque o Ocidente tende a separar de suas necessidades materiais e físicas, tema tão bem discutido por Durand (1997, 2001).

O movimento esotérico e ecológico que surgiu na modernidade é resultado do processo de uma degradação ambiental e social, que se firmou através da justificativa do desenvolvimento tecnológico e econômico, apesar de não ter chegado ao alcance da maior parte da população do planeta. Este embate da modernidade é discutido por Balandier (1997, 2001), reiterando o imbricamento dos

itinerários objetivo-técnico-lógico-empírico e subjetivo-fantástico-mítico-mágico do qual fala Morin (s/d). As sociedades modernas apresentam uma complexidade de relações que tornam evidentes os espaços vazios deixados pelo culto à razão. O fenômeno do retorno à natureza que se observa hoje em todo o mundo não deixa de ser um paradoxo, ainda que esteja com as roupagens do mercado e da organização. Mas, como diz Morin (1979: 116), “há menos desordem na natureza do que na humanidade”. Quanto maior a presença de elementos naturais em seu estado primitivo (ou mais próximo dele), maior a atração por este meio, capaz de trazer a tranquilidade e o preenchimento dos espaços vazios resultantes dos últimos séculos de separação entre o sagrado e a vida material.

Ó que acontece na cidade de Alto Paraíso de Goiás é um recorte desta realidade, onde ressurge o mito da Terra Prometida e o símbolo do “centro do mundo”. Segundo Eliade (2002), os locais sagrados estão associados aos cumes das montanhas, tenho identificação com o “alto”, sendo um local de encontro entre o Céu e a Terra. Este mito sugere ainda que o acesso para este local é difícil e apresenta obstáculos a serem vencidos, internos e externos. Esta idéia se mostra na argumentação de uma moradora da cidade:

O problema é que as pessoas acham que vão chegar aqui e viver num paraíso. Aqui não é um lugar pra se ficar rico. É difícil ganhar dinheiro aqui, mas também não falta o básico, que é de boa qualidade. Então, pra se viver bem aqui, tem que esquecer as vontades da cidade grande e conhecer a si mesmo, pra poder saber se realmente está pronto para conviver com o que tem de bom e de ruim na cidade.

Lembro que este depoimento foi seguido de grandes evocações às belezas naturais da região e ao desafio de viver em equilíbrio naquele ambiente. Esta busca por uma condição de sustentabilidade ambiental faz parte da agenda mundial, seja com relação ao plano político, ecológico, social ou religioso. Na

verdade, essa busca transcende todas essas esferas; é uma busca no tempo, na tentativa de reverter uma situação que ameaça a existência humana e a frágil segurança que resultou das conquistas tecnológicas .

Em Alto Paraíso, a sustentabilidade ambiental é constantemente ameaçada, mas esta situação já acontece há muitos anos, sem se concretizar na proporção imaginada. A espiritualidade e a percepção de uma outra dimensão presente nos caminhos da cidade fazem parte deste processo, influenciando mesmo aqueles que não estão ligados diretamente ao universo esotérico.

Sobre estas relações, Capra (2002:238) traz a seguinte contribuição:

As comunidades sustentáveis desenvolvem seus modos de vida no decorrer do tempo, mediante uma interação contínua com outros sistemas vivos, tanto humanos quanto não-humanos. A sustentabilidade não implica uma imutabilidade das coisas. Não é um estado estático, mas um processo dinâmico de coevolução.

Em outras palavras, posso dizer que se os modos de vida de uma sociedade se desenvolvem em interação com outros sistemas, quanto mais próximo e mais direta for esta relação, mais intensos serão os processos vividos por cada um.

Em Alto Paraíso, muitos são atraídos pelas expectativas pessoais de uma vida mais saudável e do exercício prático da espiritualidade. No entanto, os problemas da cidade, tão comuns quanto em qualquer outra parte do mundo, tornam explícitas as dificuldades pessoais para se viver uma realidade que foi projetada e talvez jamais sentida plenamente no interior de cada um. Emerge então o *homo sapiens-demens* de Morin (1979), com todas suas afetividades intensas, suas fúrias, seus devaneios, seus espíritos e deuses.

A maior ironia é perceber dentro deste processo é perceber que a maior contribuição para a preservação ambiental e o uso racional dos recursos da região vêm das dificuldades que a cidade enfrenta para desenvolver-se economicamente,

considerando ainda as características próprias sobre as possíveis interferências do plano espiritual e a incapacidade do homem em lidar de forma objetiva com estas sensações. O que se manifesta no imaginário, no plano subjetivo e simbólico da comunidade é o que a sustenta e a mantém em equilíbrio com o seu meio natural.

O que foi absorvido do universo das complexas relações que formam os diversos sentidos da identidade de Alto Paraíso e sua dinâmica organizacional de vida não se caracteriza como bom ou ruim. São dimensões diferentes de cada ser, de cada faceta do homem, que continua convivendo com a natureza numa eterna relação de medo e domínio, procurando sentir que realmente fazemos parte dela, embora esta situação machuque as vaidades humanas e seus desejos de controle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Salete. **Conflitos entre os atores sociais em zona de influência de parques nacionais: o caso do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.** Brasília, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília.

AMARAL, Leila. **Carnaval da Alma: comunidade essência e sincretismo na Nova Era.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ARGÜELLES, José. **O fator maia: um caminho além da tecnologia.** São Paulo: Cultrix, 1998.

AOUN, Sabáh. **A procura do paraíso no universo do Turismo.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

ATLAN, Henry. **O Livro do Conhecimento: as centelhas do acaso.** Instituto Piaget: Lisboa, s/d.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **O Contorno: poder e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Colemar Elias. **Mistérios da Chapada dos Veadeiros e alguns problemas brasileiros**. Goiânia, GO: Kelps, 2002.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

COLLINS, Michael, PRICE, Matthew A.. **História do Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2000.

COUSINEAU, Phil. **A Arte da Peregrinação: para o viajante em busca do que lhe é sagrado**. São Paulo: Agora, 1999.

DELUMEAU, Jean. **Uma história do paraíso: o Jardim das delícias**. Lisboa: Terramar, 1992.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Tratado da História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANZ, M. – L. von. *O Processo de Individuação*. In: JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KING, Christine. **His truth Goes marching on: Elvis Presley and the pilgrimage to Graceland**. In: READER, Ian, WALTER, Tony. **Pilgrimage in Popular Culture**. London: The Macmillan Press, 1993.

LIMA, Luiz José do Rego da Cunha. **Entre cimos nublados uma solidão selvagem**: uma corografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros. Brasília: Thesaurus, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MATSUMIYA, Shiguemi. **A implantação do Turismo sustentável em comunidades especiais**. Recife, 2002. Monografia (Especialização em Planejamento e Gestão do Turismo). Faculdade de Administração de Pernambuco.

MORIN, Edgar. **O enigma do Homem**: para uma nova Antropologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

_____. **Prelúdios Antropológicos**. In: _____. **O X da Questão**: o sujeito à flor da pele. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003. (p. 63-83)

_____. **O Método III**: o conhecimento do conhecimento. Lisboa: Europa-América, s/d.

MURARO, Rose Marie. **Mulher, Cultura e Igreja**: um roteiro. In: SUESS, Paulo (Org.). **Culturas e Evangelização**. São Paulo: Loyola, 1991.

PROPHET, Mark L. **A alquimia de Saint Germain**. 9ª ed. São Paulo: Nova Era, 2004.

RAPHAELL, Katrina. **A cura pelos cristais**. São Paulo: Pensamento, 1987.

RECKERT, Stephen. **O Signo da Cidade**. *In*: CENTENO, Y. K. et al. **O Imaginário da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

ROSNAY, Jöel de. **O Macroscópio: Para uma Visão Global**. Lisboa: Estratégias Criativas, 1995.

SARACENI, Rubens. **Umbanda Sagrada: religião, ciência, magia e mistérios**. 3ª ed. São Paulo: Madras, 2003.

SERRES, Michel. **O Contrato Natural**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SHELDRAKE, Rupert.. **O Renascimento da Natureza: o reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991.

STEIL, Carlos Alberto. **Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: raízes etmológicas e interpretações antropológicas**. *In*: ABUMANSUR, Edin Sued (org.). **Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao Estudo Comparado das Religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TURNER, Victor, TURNER, Edith. **Image and Pilgrimage in Christian Culture**. Oxford: Basil Blackwell, 1978.

VIANA, Francisco. **Um convite ao lazer e aos negócios**. Revista Brasília – a capital do século 21. Edição única. Brasília, 2001.

WESTERN, David. **Definindo Ecoturismo**. *In*: LINDBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. (editores). Trad. Leila Cristina de M. Darin. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. 3ª ed. São Paulo: SENAC, 1995.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

Sites acessados para consulta de dados através da Internet:

www.ibama.gov.br, acessado em 12 de março de 2004

www.ibge.gov.br, acessado em 25 de fevereiro e 20 de novembro de 2004

www.iucn.org, acessado em 17 de junho de 2004

www.alternativas.tur.br, acessado entre janeiro e julho de 2004

